

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS BACHARELADO

EVELYN DIAS CRUVINEL

BRINCADEIRAS ETÉREAS:
CELEBRAÇÕES DE NASCIMENTO E RITUAIS DE ENCANTAMENTO

GOIÂNIA - GO
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Evelyn Dias Cruvinel**

Título do trabalho: **Brincadeiras etéreas: celebrações de nascimento e rituais de encantamento**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 13/12/2024, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Evelyn Dias Cruvinel, Discente**, em 14/12/2024, às 08:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5041188** e o código CRC **86826C76**.

EVELYN DIAS CRUVINEL

BRINCADEIRAS ETÉREAS:
CELEBRAÇÕES DE NASCIMENTO E RITUAIS DE ENCANTAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues

GOIÂNIA - GO
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Cruvinel, Evelyn Dias
Brincadeiras Etéreas [manuscrito] : Celebrações de Nascimento e Rituais de Encantamento / Evelyn Dias Cruvinel. - 2024.
XCIX, 99 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Infância. 2. Memória. 3. Festa. 4. Espiritualidade. 5. Ritual. I. Rodrigues, Manoela dos Anjos Afonso, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 13 dias do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se, às 9h05, no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **Brincadeiras etéreas: celebrações de nascimento e rituais de encantamento**, de autoria de **Evelyn Dias Cruvinel**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela orientadora e presidente da banca, Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG), com a participação das demais membras da Banca Examinadora: Profa. Ma. Luciara dos Santos Ribeiro (Sertão Negro/GO) e Profa. Ma. Fabiana Francisca Santos (Sertão Negro - Jatobá Nascente/GO). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**. A Banca Examinadora recomenda a continuidade do trabalho artístico e da pesquisa em nível de pós-graduação, a publicação do texto e a exposição das obras no circuito artístico.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 13/12/2024, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciara dos Santos Ribeiro, Usuário Externo**, em 17/12/2024, às 18:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabiana Francisca Santos, Usuário Externo**, em 19/12/2024, às 12:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5010238** e o código CRC **3A2CF00D**.

AGRADECIMENTOS

Agô!

Agradeço à minha ancestralidade e aos meus guias que dançam, riem, brincam, sussurram, protegem e abençoam minha criança desde o dia em que ela enganou a morte. Meu caminho não seria tão iluminado e bonito sem a força e a fé de toda minha espiritualidade. Muito agradecida e feliz em saber que mais essa conquista era da vontade de todos que cuidaram de mim até aqui.

Ao meu pai Otin, que me ensina todos os dias, com maestria e encanto, as alegrias e os mistérios das matas nas caçadas da vida. Otin la!

À minha mãe Oxum, que banha minha existência todos os dias com riquezas e amor. Ye ye ô!

Aos Ibeji, pelas alegrias diárias. Bejiróó!

À Cigana Esmeralda, por me acolher e me ensinar a trilhar os caminhos abertos com pés dançantes e o coração alegre. Salve! Optchá!

Ao meu avô, Geraldo Cruvinel (in memoriam), que sempre me incentivou a viver meus sonhos e foi o primeiro a me ensinar sobre o amor. Sempre me lembro, com carinho, de você.

Ao Dalton Paula, querido amigo e mestre, por todas as ajudas, as risadas, as conversas, sobretudo pela confiança em partilhar ensinamentos tão ricos para fortalecer essa e outras futuras jornadas.

À toda a família do Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes pelo carinho, a orientação, a força e a união na turbulência e na simplicidade.

Ao meu babalorixá Rander ti Oxumaré, pela educação espiritual, as histórias e o acolhimento. Bença!

À família do Ilê Dan Afayá, pelos ensinamentos, os abraços, as parcerias, as conversas e todo o cuidado.

Ao meu padrinho Zé Pilintra, pelas sábias lições e palavras, sobretudo por todo incentivo. Salve a malandragem!

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Manoela Rodrigues, pelo coração aberto e a companhia nas lutas e conquistas dessa jornada.

Ao Walmir Elias, parceiro de aventuras, pelas contribuições e confiança nas ideias mirabolantes.

Agradecida à muitos outros nomes também não mencionados, que enchem meu coração de alegria e celebram a vida, em tempos dilatados, ao meu lado.

Asé!

Olhamos para o mundo uma vez, na infância. O resto é memória.

Louise Glück

RESUMO

Esta pesquisa em arte busca demonstrar a perspectiva infantil sobre o sagrado e a magia, celebrando a sabedoria única das crianças. Para isto, parto das memórias de infância, resgatando os fazeres artísticos da meninice, recheados de ensinamentos das decorações de festas e da espiritualidade. Nesse caminho íntimo, a prática artística é alimentada pelas memórias das mandingas infantis, (re)construindo casinhas de fadas e transformando-as em oratórios de fadas, reconhecendo-as como objetos mágicos. Num processo de escrevivências, conceituado pela autora Conceição Evaristo, as celebrações de nascimentos e os rituais de encantamento se conectam aos feitos artísticos de artistas como Arthur Bispo do Rosário, Mestre Didi, Dalton Paula, Farnese de Andrade, Ighsaan Adams, Luana Vitra, Amalia Mesa-Bains, e com os dizeres teóricos de Manoel de Barros, Sobonfu Somé, Gaston Bachelard, Lélia Gonzalez, bell hooks, entre outros. Ofereço minhas práticas, batizadas pela minha menina nas águas do seu imaginário, como brincadeiras etéreas capazes de reencantar a vida. Nos lares de hoje, essa investigação artística é simplesmente uma continuação de alquimias, estripulias artísticas e outros segredos manuseados na infância.

Palavras-chave: Infância. Festa. Espiritualidade. Memória. Objeto. Ritual.

RESUMEN

Esta investigación artística pretende mostrar la perspectiva infantil sobre lo sagrado y lo mágico, celebrando la sabiduría única de los niños. Para ello, parto de los recuerdos de la infancia, rescatando los empeños artísticos de la niñez, llenos de las enseñanzas de la decoración de fiestas y la espiritualidad. En este camino íntimo, la práctica artística se nutre de los recuerdos de las mandingas de la infancia, (re)construyendo casas de hadas y transformándolas en oratorios de hadas, reconociéndolas como objetos mágicos. En un proceso de *escrevivências*, de la autora Conceição Evaristo, las celebraciones de nacimiento y los rituales de encantamiento se conectan con los hechizos artísticos de artistas como Arthur Bispo do Rosário, Mestre Didi, Dalton Paula, Farnese de Andrade, Ighsaan Adams, Luana Vitra, Amalia Mesa-Bains, y con los dichos teóricos de Manoel de Barros, Sobonfu Somé, Gaston Bachelard, Lélia Gonzalez, bell hooks, entre otros. Ofrezco mis prácticas, bautizadas por mi niña en las aguas de su imaginación, como juegos etéreos capaces de reencantar la vida. En el mundo actual, esta investigación artística no es más que una continuación de las alquimias, escapadas artísticas y otros secretos manejados en la infancia.

Palabras clave: Infancia. Celebraciones. Espiritualidad. Memoria. Objeto. Ritual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Evelyn Cruvinel. Registro de festa de aniversário temática Moranguinho, s/d	19
Figura 2 – Evelyn Cruvinel. Registros infantis das fadas da terra, 2006.	24
Figura 3 – Evelyn Cruvinel. Portal da infância, ou quintal de vó, 2003.	25
Figura 4 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #2 – Cantos de Fadas, 2024.	27
Figura 5 – Evelyn Cruvinel. Arco de balão desconstruído, 2024.	28
Figura 6 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #1, 2024.	29
Figura 7 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #3, 2024.	30
Figura 8 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #4, 2024.	31
Figura 9 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #5, 2024.	32
Figura 10 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #6, 2024.	33
Figura 11 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #8, 2024.	34
Figura 12 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #9, 2024.	35
Figura 13 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #10, 2024.	36
Figura 14 – Arthur Bispo do Rosário. Arco e flecha, s/d.	37
Figura 15 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #7, 2024.	38
Figura 16 – Ebony G. Patterson. <i>...a wailing black horse... for those who bear/bare witness</i> [“... um cavalo negro uivante... para aqueles que testemunham”], 2018.	39
Figura 17 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #20, 2024.	40
Figura 18 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #19, 2024.	41
Figura 19 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #18, 2024.	42
Figura 20 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #17, 2024.	43
Figura 21 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #16, 2024.	44
Figura 22 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #14, 2024.	45
Figura 23 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, estudo #12, 2024.	46
Figura 24 – Evelyn Cruvinel. Registro da 2ª celebração de nascimento, 2004.	47
Figura 25 – Farnese de Andrade. O Anjo Louco, 1986.	48
Figura 26 – Igshaan Adams. <i>Samesyn</i> [Comunhão], 2023.	49

Figura 27 – Igshaan Adams. <i>Samesyn</i> [Comunhão], 2023.	50
Figura 28 – Igshaan Adams. <i>Samesyn</i> [Comunhão], 2023.	50
Figura 29 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera (maquete), 2024.	51
Figura 30 – Evelyn Cruvinel. Tintura das plantas, 2024.	52
Figura 31 – Ebony G. Patterson. <i>Russian – From the Out and Bad Series</i> [Russo – série Fora e Ruim], 2012.	53
Figura 32 – Evelyn Cruvinel. Tintura das chitas, 2024.	54
Figura 33 – Evelyn Cruvinel. Cascalho cintilante, 2024.	55
Figura 34 – Evelyn Cruvinel. Colagem dos caminhos, 2024.	55
Figura 35 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera (maquete), 2024.	56
Figura 36 – Evelyn Cruvinel. Caixa de madeira, 2024.	57
Figura 37 – Luana Vitra. Giro, 2023.	58
Figura 38 – Evelyn Cruvinel. Tintura das espadas, 2024.	58
Figura 39 – Evelyn Cruvinel. Tintura das plantas, 2024.	59
Figura 40 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, 2024.	61
Figura 41 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera, 2024.	62
Figura 42 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, estudo #5 – Cantos de Fadas, 2024.	63
Figura 43 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, estudo #1, 2024.	64
Figura 44 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, estudo #2, 2024.	65
Figura 45 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, estudo #7, 2024.	67
Figura 46 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, estudo #6, 2024.	68
Figura 47– Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, estudo #11, 2024.	69
Figura 48 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, estudo #12, 2024.	70
Figura 49 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, estudo #13, 2024.	71
Figura 50 – Joelington Rios. Como alimentar rios, 2022.	72
Figura 51 – Evelyn Cruvinel. Encantamento das conchas, 2024.	73
Figura 52 – Evelyn Cruvinel. Barco, 2024.	74
Figura 53 – Evelyn Cruvinel. Areia rosa, 2024.	75
Figura 54 – Evelyn Cruvinel. Oratório das fadas das águas, 2024.	76

Figura 55 – Arthur Bispo do Rosário. Sem título [Grande veleiro], s/d.	77
Figura 56 – Xica. Reinado de Corações, 2022.	78
Figura 57 – Mestre Didi. <i>IWIN OLÁ ATI EYE LOKE</i> [Majestoso ancestral da árvore com um pássaro no alto], 1978.	79
Figura 58 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar, 2024.	80
Figura 59 – Evelyn Cruvinel. Campos floridos de brigadeiros, 2004.	81
Figura 60 – Don Cole. Altar vodou, s/d.	83
Figura 61 – Amalia Mesa-Bains. <i>Queen of the Waters, Mother of the Land of the Dead: Homenaje a Tonantzin/Guadalupe</i> [Rainha das Águas, Mãe da Terra dos Mortos: Homenagem à Guadalupe], 1992.	84
Figura 62 – Amalia Mesa-Bains. <i>An Ofrenda for Dolores del Rio</i> [Uma Oferenda para Dolores del Rio], 1984-1991.	85
Figura 63 – Evelyn Cruvinel. Feitio das peanhas, 2024.	86
Figura 64 – Evelyn Cruvinel. Teste de gravidade, 2024.	87
Figura 65 – Evelyn Cruvinel. Vestimenta do altar, 2024.	88
Figura 66 – Dalton Paula. Rota do Algodão, 2022.	89
Figura 67 – Evelyn Cruvinel. Mães da Terra Próspera – Cantos de Fadas, 2024.	93
Figura 68 – Evelyn Cruvinel. Sentinelas do Além-mar – Cantos de Fadas, 2024.	94
Figura 69 – Evelyn Cruvinel. Registro de comemoração, s/d.	96

SUMÁRIO

SOBRE A BRINCADEIRA	15
1 - BRINCAR É FEITIÇO	18
2 - DANÇAR COM OS SUSSURROS	22
2.1 - MEU QUINTAL É MAIOR DO QUE O MUNDO	25
2.2 - TERRA PRÓSPERA	46
2.3 - SEIO DAS ÁGUAS	62
2.4 - ALÉM-MAR	71
3 - PREPARAR A MESA	81
3.1 - CANTOS DE FADAS	89
4 - CELEBRAR O (RE)ENCANTAMENTO	95
REFERÊNCIAS	97
REFERÊNCIAS CONSULTADAS	98

SOBRE A BRINCADEIRA

Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.

Guimarães Rosa

“Nesta data querida”, como uma menina que ouvia essa música quase todos os dias, num momento passei a acreditar na preciosidade de cada santo dia. Crescida no universo das decorações de festas, guardo em minha infância uma vastidão de testemunhos encantados. Em paralelo, a magia da minha vivência sempre foi alimentada pelos encontros com os mundos sobrenaturais e espirituais. Nos dias de hoje, carrego comigo os feitiços, os segredos e, acima de tudo, a magia que minha criança zelou e preservou.

Busco as escrevivências, da autora Conceição Evaristo (2007), para acessar minhas memórias de mandingas infantis. Nessa direção, opto pela pesquisa autobiográfica em arte (Rodrigues, 2021), construindo minha pesquisa prática através dos meus testemunhos de criança nesse cruzamento de universos ritualísticos. Meus fazeres partem de uma abordagem autobiográfica íntima e de corpos dissidentes (Rodrigues; Nascimento; Silva, 2019), isto é: a partir da prática artística, o processo de investigação/criação adentra a intimidade e o social, revelando tabus e invisibilidades cotidianas. A abordagem autobiográfica íntima e de corpos dissidentes é adotada nesta pesquisa como meio de contestar a crescente crença depreciativa em relação à sabedoria das crianças, porque acredito que tudo o que é compartilhado, especialmente nos feitiços artísticos, transborda saberes da meninice.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, reativo memórias através da biblioteca de iluminuras infantis, onde encontro manuscritos e figuras como registros do avistamento de fadas. Deste contato, sou visitada pelas lembranças de construção de casinhas de fadas em tenra idade. A emoção das recordações é tomada pela atenção às arquiteturas desses pequenos lares celestiais, que se assemelham a oratórios, santuários e altares religiosos. Partindo da ideia de reconstruir essas casinhas de fadas, começo a produção apresentada neste trabalho de conclusão de curso.

Nesta monografia, dou início ao primeiro capítulo com o autorretrato falado (Barros, 2006) da minha menina, convidando o leitor a conhecer o espírito pioneiro dessa travessura artística. Há uma sucinta apresentação dos mundos que atravessam minha vivência e se

entrelaçam ao longo dessa pesquisa, contextualizando suas influências nos meus processos artísticos, percebíveis desde a meninice. Rememoro a visita das memórias das brincadeiras infantis, situando o foco artístico nesta pesquisa. Finalizo este capítulo pronta para mergulhar nos meus rios de imaginação.

No segundo capítulo, os feitiços artísticos se iniciam, envolvidos numa dança com os sussurros¹. São destrinchadas as etapas que compõem o processo artístico, aprofundando nas nuances dos estudos e maquetes, que resultam na criação de 2 (duas) casinhas de fadas, cada uma para um dos elementos naturais. Em primeira instância, me debruço sobre os fazeres da primeira casinha de fada, voltada para as fadas da terra. Desse mergulho, reflito sobre toda a produção da casinha de fada, como sua arquitetura, adornos e rituais, identificando seu papel como uma espécie de canal de aproximação com o espiritual na infância. Em sequência, faço o mesmo registro da produção da segunda casinha de fada, das fadas das águas. Durante a escrita, vou proseando com teóricos como Gaston Bachelard, Manoel de Barros, Sobonfu Somé, entre outros, e com as produções artísticas de Antônio Bispo do Rosário, Farnese de Andrade, Mestre Didi, Igshaan Adams, Luana Vítra, Joelington Rios, tecendo fios que fortalecem a pesquisa prática. Ao final, nomeio esses objetos artísticos como *oratórios de fadas*. Assim como também reconheço-os como objetos mágicos, uma vez que os fazeres artísticos, recheados de ensinamentos da decoração de festas e da espiritualidade, tornam-se muitas das vezes ritualísticos.

No terceiro capítulo, com a finalização dos objetos mágicos, nascem questionamentos em relação à maneira com que as obras serão expostas. A ideia de um cubo branco como suporte expositivo não contempla as energias residentes nos oratórios de fadas, parecendo quase extingui-las. Entendendo que estou montando outros tipos de festas, me recorro de preparar a mesa. Incorporando uma perspectiva que já conhecia meus olhos, a mesa de festa é vista como um altar. Nessa apropriação da forma de altar, com os saberes festivos, construo peanhas como possíveis suportes para esses oratórios de fadas. Parto de encontros com os mais diversos tipos de altares na infância, e convido a artista chicana Amalia Mesa-Bains e o artista brasileiro Dalton Paula, ambos com suas instalações de altar, como inspirações para as práticas nos altares. Com o fim dos preparos dessa celebração, apresento a série *Cantos de Fadas*, como brincadeiras etéreas capazes de reencantar a vida. Os dizeres de Lélia Gonzalez e Gaston Bachelard doam contribuições aos objetos artísticos produzidos. Em todo esse

¹ Essa pesquisa em artes é guiada por orientações súbitas e sussurradas por espíritos que me acompanham desde a infância. Tendo alguns deles já sido reconhecidos como guias espirituais, seres elementais, criaturas folclóricas, entre outros.

processo, fui acompanhada da minha menina e dos espíritos que me protegem. Cada feitio aqui é dotado de riqueza e magia. Assim, apenas arde em meu coração o desejo de que esses objetos mágicos sejam capazes de convidar a criança de cada espectador para brincar neste vasto reino de maravilhas.

1 - BRINCAR É FEITIÇO

O que é feitiço? Para os dicionários, pode-se sintetizar como a prática de forças ocultas para hipnotizar, fascinar ou induzir uma pessoa ao estado de encanto. Nesta pesquisa, não muito distante das definições encontradas, feitiço é sussurro que te faz dançar – para os mais velhos, isso é chamado feitiço do brincar. Ao abraçar essa compreensão, mergulho nas profundezas do inconsciente, reencontrando memórias dos meus pequenos pés dançantes aos doces “cantos” dos ventos. Uma dança que se manteve contínua, apesar da mudança das estações. Nos luares de hoje, essa investigação artística é simplesmente uma continuação de alquimias, estripulias artísticas e outros segredos manuseados na infância.

Ao leitor, saiba que esse manuscrito, antes de ser um trabalho, é um convite para se aconchegar nas frestas escondidas e se atentar aos risos dos espíritos. Posto isso em memória, peço licença para iniciar a prosa com o “auto-retrato falado” (Barros, 2006) da minha criança.

Sou nascida e criada no universo caótico de decoração das festas infantis. Lugar recheado de ensinamentos que são transmitidos através do encanto. Onde os bastidores são como um campo minado de surpresas, e cada passo é uma explosão de inspiração. Você conhece tecidos dos mais variados e as várias maneiras de usá-los; quais tipos de colas funcionam melhor para cada material; observa o processo de pintar grandes painéis; entende como confeccionam bonecas, entre outros convites à maravilhosidade.

É um universo cujo você se percebe envolvida num processo de caçar alegrias. Neste mundo, apesar da minha pequenez (figura 1), fui ensinada sobre questões técnicas artísticas, frequentei ateliês dedicados a diversas práticas e tive acesso a outros mundos, costumes e estímulo ao pensamento crítico através de mídias infantis, tais como desenhos animados ou contos infantis. No mesmo ritmo, em meu coração eram nutridos aprendizados sobre comunhão, renovação, criatividade e abertura aos caminhos e destinos. Enquanto isso, nos meus pensamentos, florescia o entendimento de que comemorações e festividades também eram uma forma de arte.

Sou de uma família comum, com exceção dos poderes sobrenaturais. Éramos normais, cada um apenas possuía sua própria magia, como sonhos proféticos; conhecimento das datas da morte de cada um; conversas com entes falecidos; linhagem com lobisomens; língua

enfeitiçada², contato com seres encantados, como criaturas folclóricas e elementais³ ou até mesmo a facilidade de transitar entre dois mundos. Um véu tênue do Outro-Mundo costumava pairar sob a casa, marcando minha infância com o cheiro de incensos, visitantes intrínsecos e eventos sobrenaturais. Nos rituais de tecer intimidade com essa atmosfera, tornei-me guardiã de sabedoria ainda em tenra idade.



Figura 1 – Registro de festa de aniversário temática Moranguinho (Goiânia - GO), s/d. Fonte: Arquivo pessoal.

Apesar das peculiaridades da minha linhagem, toda criança é sempre uma nova surpresa para qualquer família, e eu não fui exceção. Alma serelepe⁴, colecionava caixas de sabão em pó em um guarda-roupa empoeirado no quarto dos fundos; conversava com as árvores e via espíritos de seres aquáticos em piscinas. Jurava de mindinho e de pé junto ter visto a mula sem cabeça⁵ e era praticante mirim – e não-intencional – de alquimia⁶.

Não venho de uma linhagem fácil, mas sempre acreditei que um dos maiores atos políticos é compartilhar nossas alegrias em uma sociedade que se saboreia com nossas dores.

² Língua enfeitiçada se trata de um poder no qual tudo o que a pessoa fala, seja bom ou ruim, está premeditado a acontecer.

³ Elementais são seres espirituais associados aos elementos da natureza, podendo manifestar-se tanto como personificações místicas, como ninfas, quanto como manifestações intrínsecas da própria natureza, como em árvores.

⁴ Agitado, astuto.

⁵ Entidade do folclore brasileiro, conhecida como o fantasma de uma mulher amaldiçoada, que se transforma em mula como punição por ter relações íntimas com padres.

⁶ Prática que investiga a natureza por meio da observação, integrando áreas como química, filosofia e misticismo. Realiza pesquisas através de experimentos, procedimentos químicos e o uso de aparelhos, instrumentos e materiais.

No ambiente acadêmico, fui constantemente privada de incentivos e submetida a violências raciais e machistas. No entanto, um episódio recorrente e marcante era a insistência quase desumana de professores em transformar o tema dos meus trabalhos em uma exposição de feridas sociais, simplesmente por ser uma mulher racializada.

As lutas e os desafios das mulheres negras não são simples, tão pouco inferiores. Mas eu não sou um totem, uma representação de sofrimento. Minha existência é muito mais do que uma violência sistemática. Por que as pesquisas de mulheres negras sobre amor e celebração, enquanto heranças ancestrais, são tão facilmente inferiorizadas? Não adianta ler bell hooks se você não consegue se desapegar do prazer que sente ao ver a dor das pessoas racializadas. Aqui, sou (infelizmente, mais uma vez) resistência. Por isso, escolho contar as histórias que alegram meu espírito, partilhando saberes que renovam o coração, através da transmissão de oralidades e práticas repletas de amor e doçura.

Como se fossem confetes, constantemente fragmentos de magia adoçavam minhas brincadeiras. Entre mil e uma mandingas⁷ infantis, reluz em minha memória a construção de casinhas de fadas, manuseadas pelas minhas mãos de menina. Da repentina visita dessas lembranças, meu olhar é hipnotizado pela curiosa arquitetura que estrutura esses pequenos lares celestiais, percebendo tímidas semelhanças estéticas com oratórios, santuários e altares religiosos. Navegando por este imaginário, sou batizada em suas águas, incorporando uma perspectiva que já conhecia meus olhos. Neste reino de renovações, nasce o desenho desta pesquisa.

Essa investigação contempla a criação de uma série de oratórios de fadas, sendo apelidada como *Cantos de Fadas*. Seguindo os caminhos abertos pelos mais velhos, percorro as rotas pioneiras traçadas pela mestra Fabiana Francisca Santos (2023), carinhosamente conhecida como Xica, em sua dissertação de mestrado⁸, que aborda a relação entre objetos artísticos e ritualísticos. Desta ancestralidade acadêmica, reconheço os objetos artísticos realizados durante esta monografia como objetos mágicos. Uma vez que as obras retomam os processos artísticos, alquímicos e ritualísticos manipulados na infância, especialmente na feitura das casinhas de fadas. Nesse entrelaçamento de memórias, proseio a partir de alguns olhares teóricos, como Gaston Bachelard, Sobonfu Somé, Lélia Gonzalez; e preciosidades

⁷ Termo de origem africana que significa algum tipo de magia ou feitiço.

⁸ SANTOS, Fabiana Francisca. **Arte de Terreiro Matriarcal: Trabalho de mulheres da Casa de Caridade Luz do Alvorecer**. 2023. 231 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

literárias, como os poemas das infâncias do poeta Manoel de Barros, e o conceito de escrevivências, da escritora Conceição Evaristo.

Nesse manuscrito, como uma espécie de pique-esconde, procuramos nos rios de imaginação os rituais, os fazeres artísticos e as memórias açucaradas que adubam minhas “raízes crianceiras” (Barros, 2010, p. 187). Aqui toda brincadeira é feitiço, mas nenhum feitiço é brincadeira. Nesse florescer, um passo maduro é saber usar os ouvidos. Aprendemos a usá-los quando escutamos o eco das memórias das conchas. É preciso abrir o peito para entender os segredos sussurrados pelo vento, só assim nos tornamos zeladores de saberes – e as crianças são, por natureza, portadoras natas de sabedoria.

2 - DANÇAR COM OS SUSSURROS

Sou puxado por ventos e palavras.

Manoel de Barros

A maioria das crianças – ou adultos – já experimentou a sensação de pleno voo em algum sonho. O vento já me levou para voar, essa é uma das minhas lembranças mais preciosas. Recordo-me de ouvir conselhos nos ares, das minhas pálpebras se fechando como cortinas, e do meu coração batendo acelerado. Sentia o toque áspero da grama diminuindo sob os pés, como se fosse erguida por mãos invisíveis, até perder o contato com o solo. Numa espiada, lá estava meu corpo, flutuando há longas distâncias do chão. Na meninice, sempre tive uma certa proximidade com algumas entidades da natureza. Entre brincadeiras e conversas encantadas, nunca me esqueci do sentimento de uma leve tristeza nos ventos por ser a única a escutá-los. Às vezes, ainda sinto um abraço repentino deles.

Já faz muito tempo, mas é preciso lembrar-se quem se é. No caminhar pelo território da infância, esta pesquisa artística adentra um viés “autobiográfico íntimo e de corpos dissidentes”. Uma prática investigativa relacionada ao pessoal, ao público e à intimidade, onde – através do fazer artístico – são reveladas dissidências presentes nos modos de existir, evidenciando tabus e invisibilidades cotidianas (Rodrigues, Nascimento, Silva, 2019, p. 67). Nessa investigação, percebe-se a mocidade como um grupo que se desvia dos trajetos retilíneos. Essas percepções são igualmente compartilhadas por Bachelard (2006), ao analisar singularidades pertencentes à cultura infantil, destacando a perspectiva curvilínea e a linguagem do encantamento.

As crianças são detentoras de um mundo que é distinto ao dos adultos. Ainda assim, elas os respeitam. Entre os adultos, porém, tem-se fortalecido uma visão que frequentemente violenta as habilidades cognitivas dos pequenos, inferiorizando ou mesmo invalidando suas sabedorias. Nos diálogos com a infância, busco evidenciar a força dos ensinamentos infantis, que são capazes de curar as violências que residem no coração.

As crianças, “por alguma razão, elas são, por sua própria natureza, ritualísticas” (Somé, 2003, p. 61). Nesse sentido, é necessário re-incorporar as manias, as visões e a coragem da meninice para acessar as chaves que guardam esse reino restrito. Afinal, “para entrar nos tempos fabulosos, é preciso ser sério como uma criança sonhadora” (Bachelard, 2006, p. 113). E pensando que “crescer é um processo de esquecimento” (Somé, 2003, p. 69),

proseio com minhas memórias, costurando-as ao conceito de escrevivências, da autora Conceição Evaristo, no qual acontece um casamento entre o real vivido e a invenção:

Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. (Evaristo, 2011, p.7).

“Tudo o que não invento é falso” (Barros, 2010, p. 7). Este processo é sobre permitir que a magia da minha vivência se expanda para além do já vivido, abrindo caminhos para transformar de maneira ressignificativa os saberes e as práticas que um dia foram transmitidos. Nessa reabertura do mundo das primeiras contemplações (Bachelard, 2006), batizada pela minha criança com as águas do seu imaginário, encontro meu caminho de volta.

Perambulando por campos reminiscentes, inicia-se o mapeamento desta investigação a partir de *iluminuras infantis* (figura 2). Curiosamente, ao analisar os grafismos, percebo a estilização dos seres místicos oposta às imagens das lembranças. As fadas, por exemplo, eram como pequenos sóis flutuando pelo meu quintal, como se ele estivesse infestado de pólen. Entretanto, é comum que possíveis influências midiáticas, como *Barbie Fairytopia* (2005) e *Tinker Bell* (2006), ampliaram as possibilidades estéticas para essas anotações secretas.

Neste capítulo, como uma espécie de portal, adentramos ao mundo que detém as raízes dos processos artísticos e suas nuances. Recebida no território da infância, sou guiada pelas vozes celestes. Apanho as “coisas desimportantes” (Barros, 2008, p. 47) e a magia, meus passos cintilam ao reencantamento. É tempo de dançar com os sussurros e transbordar maravilhas.



Figura 2 – Registros infantis das fadas da terra, 2006. Caneta esferográfica e lápis de cor sobre papel pautado. 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

2.1 - MEU QUINTAL É MAIOR DO QUE O MUNDO⁹

Cresci junto com as plantas (figura 3) no quintal da minha avó materna. Era um lugar que comumente encantava pessoas, espíritos e borboletas. Frequentemente, onde os saberes eram compartilhados. A terra fértil que acolheu meus pés em tamanhos variados. Resgatando minhas “raízes crianceiras” (Barros, 2010), é onde retorno.



Figura 3 – Portal da infância, ou quintal de vó (Goiânia - GO), 2003. Fonte: Arquivo pessoal.

É um passo para trás com o entendimento de que o primeiro nascimento das obras propostas acontecem nesse jardim, aventurado na mocidade. É muito bonito recordar da magia que cobria esta parte da casa, as visitas de criaturas fabulosas, os risos do meu avô e os beijos do sol no rosto. Neste momento, acredito fielmente nas palavras do Manoel de Barros (2010, p. 47), quando diz que “meu quintal é maior do que o mundo”. Todavia, aqui faço uma breve confissão: o meu quintal é também um outro mundo.

É neste solo que germinam, pela primeira vez, as casinhas de fadas. Nas estações passadas, o gatilho para a construção desses pequenos lares celestiais teria sido o avistamento de pequenos sóis flutuando pelo jardim – apelidados, mais tarde, como “fadas”. Ao perceber que aquelas bolas de luz eram, na verdade, outros seres, minha criança decide espalhar pelo quintal espaços aconchegantes para que essas energias possam descansar e se proteger da chuva.

⁹ Manoel de Barros, *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*, 2008, p. 47.

Na infância, acreditava que as arquiteturas elaboradas eram, em sua maioria, de caráter instintivo. Olhando para trás, ficam claras as influências de entendimentos observados em ambientes religiosos enquanto menina. As semelhanças com oratórios e santuários refletem bem o contato com costumes cristãos, onde essas estruturas eram subentendidas como canais de aproximação, capazes de cultivar uma intimidade com o sagrado. Essa intimidade como traduzida nas palavras de Somé (2003, p. 25), que é “uma canção do espírito, que convida duas pessoas a compartilharem seu espírito”. Meus feitiços de criança se voltam para a feitura desses cantinhos de proteção às fadas, vistos como intermediários nas minhas futuras tentativas de proximidade com estes seres. Aqui, todo o conceito de intimidade floresce num ritual, pensando que sem o ritual nada pode ser verdadeiramente íntimo (Somé, 2003).

Nos lares de hoje, sou convidada pelas risadas aveludadas nas minhas memórias de menina a reconstruir essas moradias. Assim, dou início às estripulias artísticas com rabiscos que possam direcionar os pensamentos e “aprendimentos” (Barros, 2010) ao fazer. São realizados 10 (dez) estudos de ideias, 10 (dez) estudos para a paleta de cores e 1 (uma) maquete para, enfim, partir para a feitura da primeira casinha de fada. Um processo que me foi ensinado pela minha vivência no Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes¹⁰. Em primeira instância, muitos detalhes sobre a ideia pareciam nebulosos. Uma das questões, por exemplo, era sobre possibilidades visuais para atuar como a chama da vela. Ao encurtar da ponta do lápis, soluções sutis e familiares aos olhos da minha vivência eram recorrentes nos estudos iniciais. Como a forma de organizar as flores (figura 4), que aparece em várias páginas e se assemelha ao formato de um arco de balões desconstruído¹¹, também conhecido como arco orgânico (figura 5).

Outros instrumentos e ferramentas das decorações de festas são identificáveis a olho nu, tais como plantas artificiais, tecidos e fitas decorativas. Assim como a presença de elementos dos universos espirituais frequentados desde a infância. Aqui, religião e magia não se opõem, mas sim coexistem harmonicamente. Para a criança, a magia está por toda parte; por isso, as crenças são tratadas como algo natural e se encontram num mesmo plano.

¹⁰ Espaço ateliê e escola de artes, situado em Goiânia (Goiás), fundado e idealizado pelo artista visual brasileiro Dalton Paula e pela professora e pesquisadora de cinema e audiovisual Ceiza Ferreira.

¹¹ Trata-se de uma decoração de festa onde é construído um arco com balões de tamanhos e cores variados, criando uma forma assimétrica e fluída. Os formatos podem ser variados, como guirlandas, meia lua ou em "L".

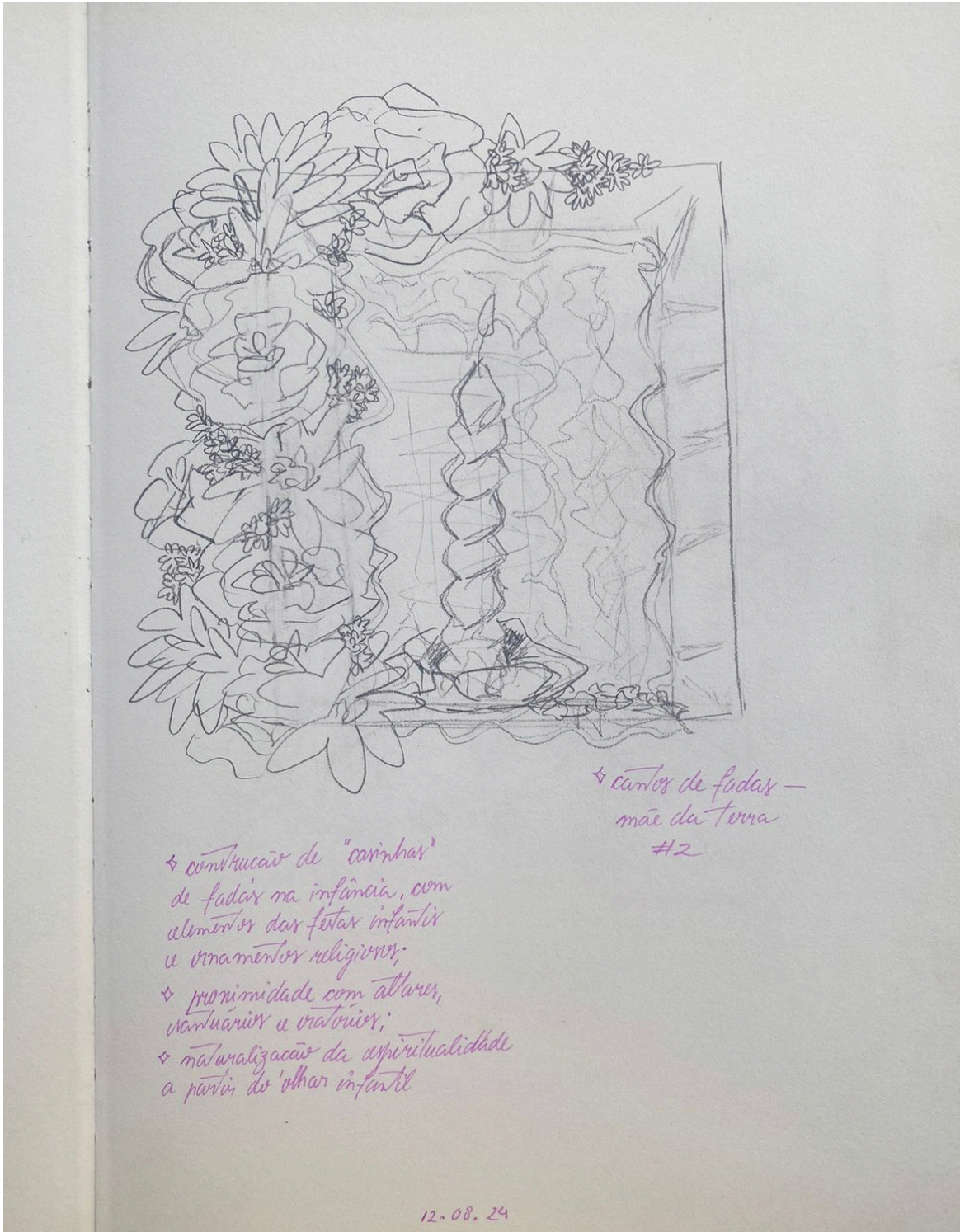


Figura 4 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #2 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 5 – Arco de balão desconstruído (Goiânia-GO), 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

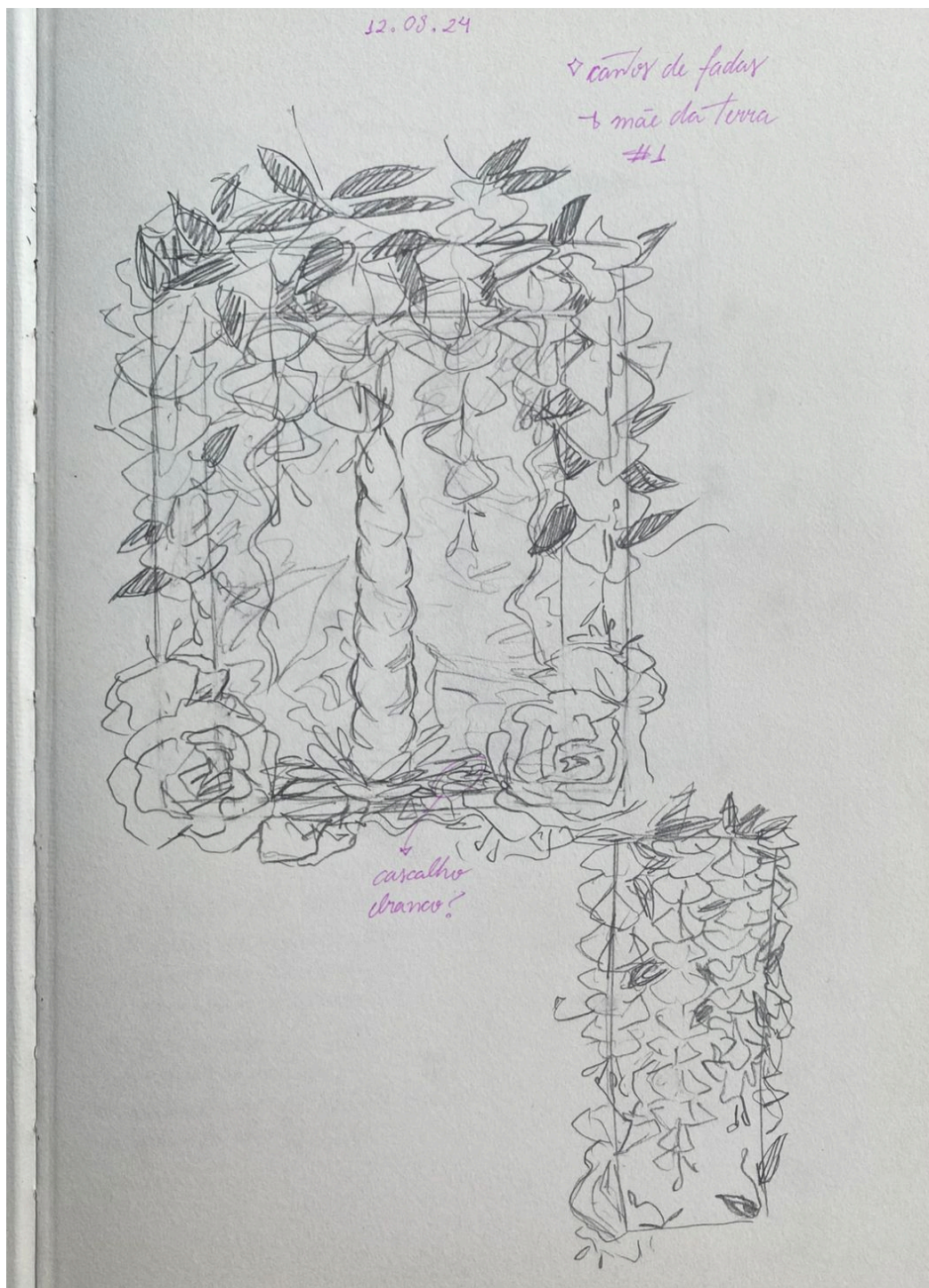


Figura 6 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #1 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 7 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #3 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 8 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #4 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

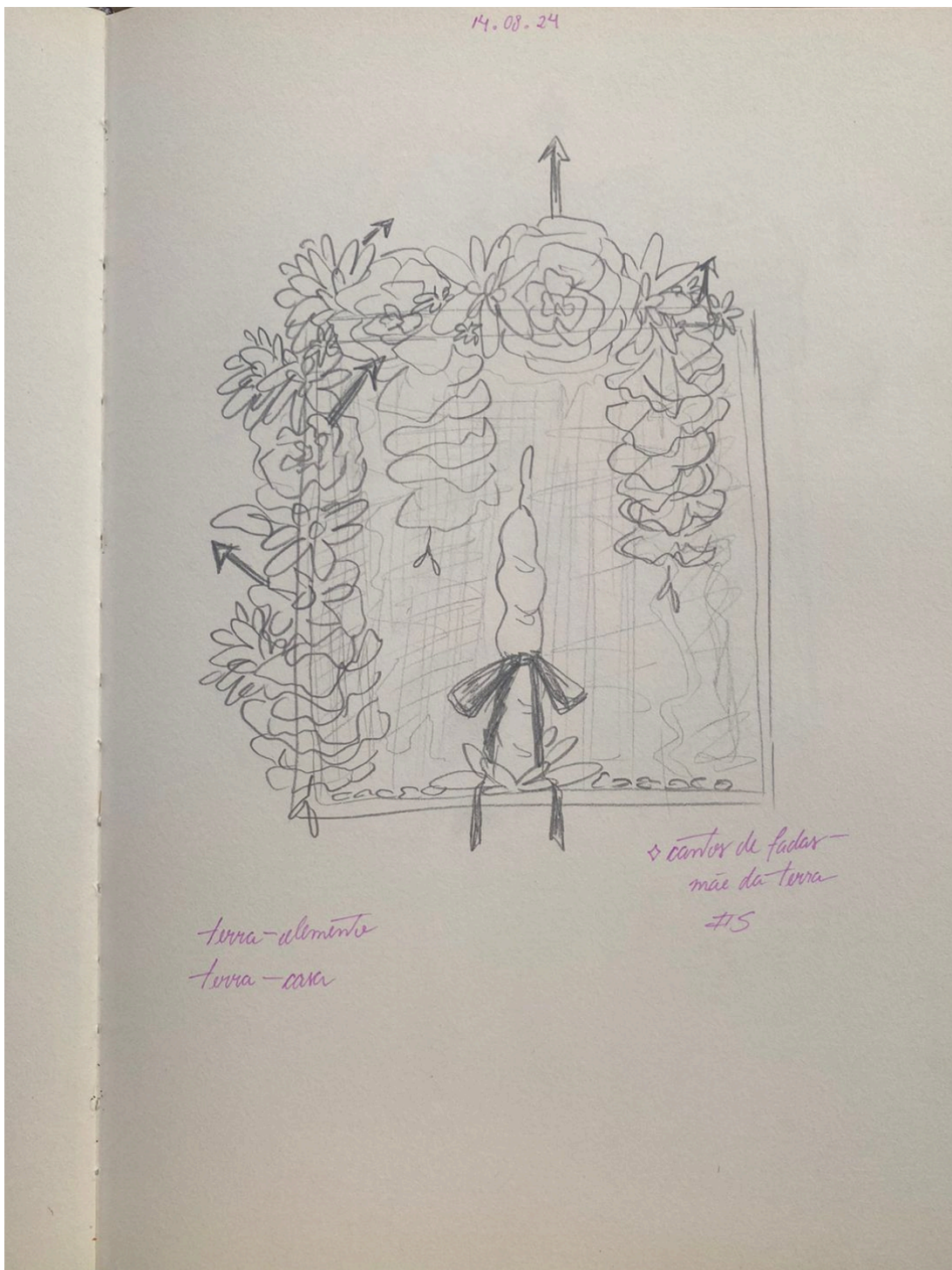


Figura 9 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #5 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 10 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #6 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

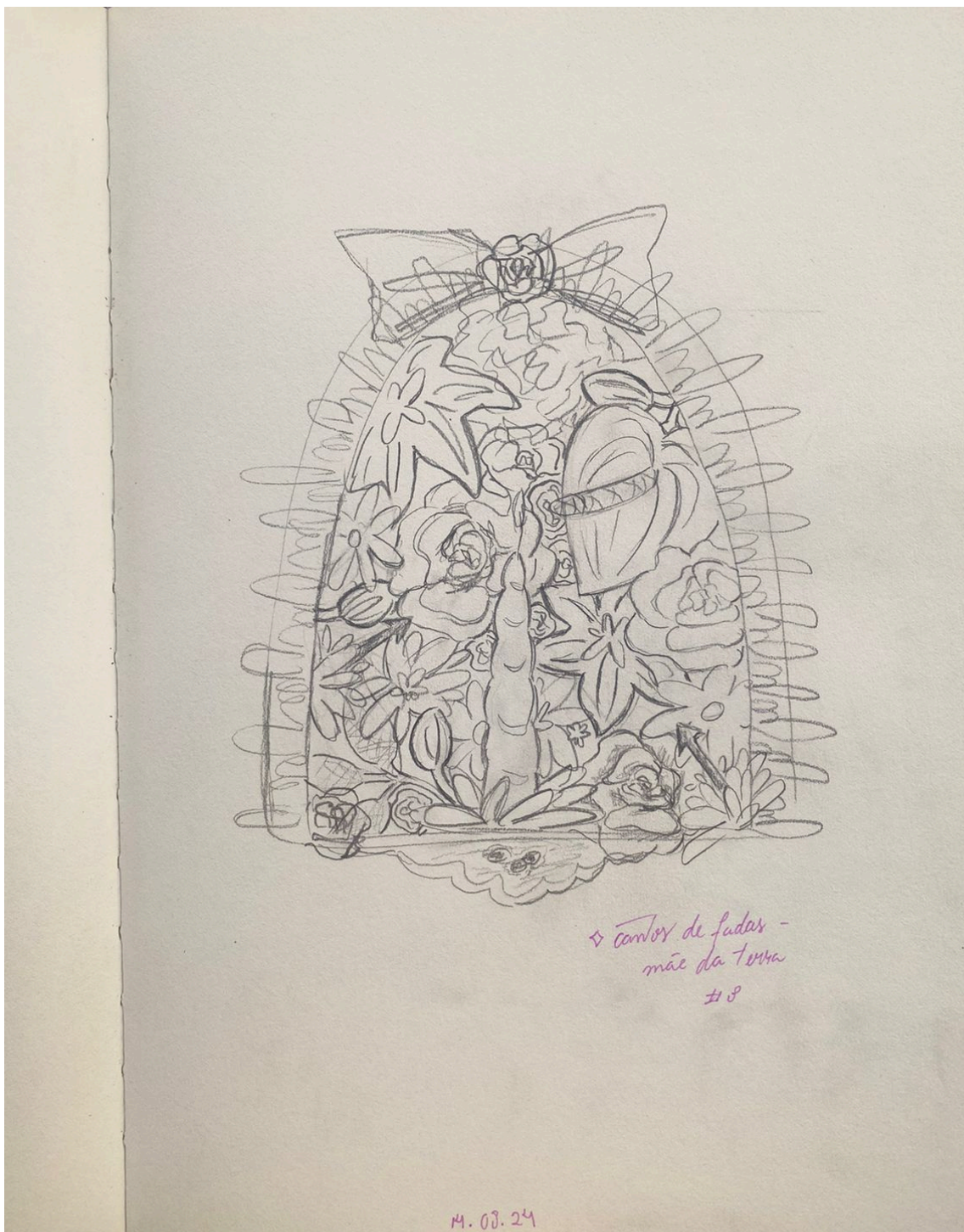


Figura 11 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #8 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo em caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

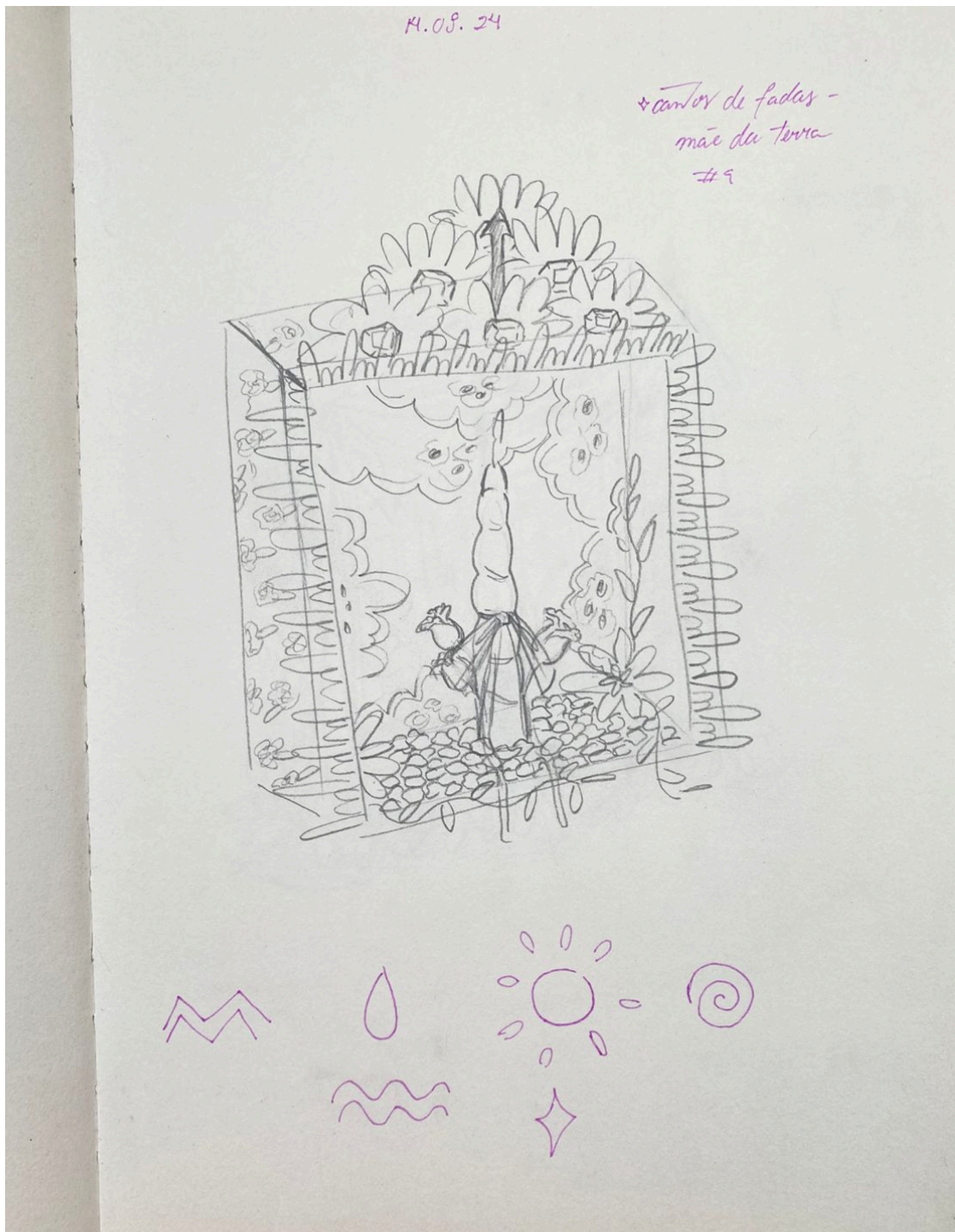


Figura 12 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #9 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo em caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 13 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #10 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo em caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Um detalhe importante na metodologia desta pesquisa é deixar os fantasmas conversarem. Certa vez, deparei-me com palavras do Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 23), em que era dito que “a arte é a conversa das almas”. Dos dizeres contemplativos de Santos (2023), destaco esse trecho – com o entendimento de que seu uso no manuscrito do autor se destina à outra finalidade simbólica – para me referir a uma perspectiva que tange ao que me toca e busco expressar. Estabelecendo paralelos com o artista Arthur Bispo do Rosário, cujos objetos religiosos eram criados a partir de murmúrios de seres celestiais (figura 14), as

práticas artísticas nesta pesquisa contam com orientações repentinas vindas de sussurros espirituais.

As energias me conduzem por caminhos distintos, e eu me permito ser guiada por elas. Nesse processo de ouvir, entre todos os desenhos, o sétimo estudo (figura 15) é o escolhido. Uma referência artística camuflada nas visualidades que adornam a 1ª (primeira) casinha de fada é a artista jamaicana Ebony G. Patterson. Suas obras criam belezas através das imagéticas de jardins, ao mesmo tempo em que denunciam problemáticas sociais relacionadas à violência, compondo uma metáfora para duras verdades ocultas sob uma bela superfície (figura 16). Patterson aflora como uma inspiração neste trabalho, graças à sua brincadeira artística com as cores, texturas e brilho, sendo evidente o convite à sua presença nos recortes de chita presentes no estudo final.



Figura 14 – Arthur Bispo do Rosário. *Arco e flecha*, s/d. Revestimento, costura, bordado e escrita. 37 x 36 x 2,5 cm. Fonte: Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/acervo-2/arco-e-flecha/>.

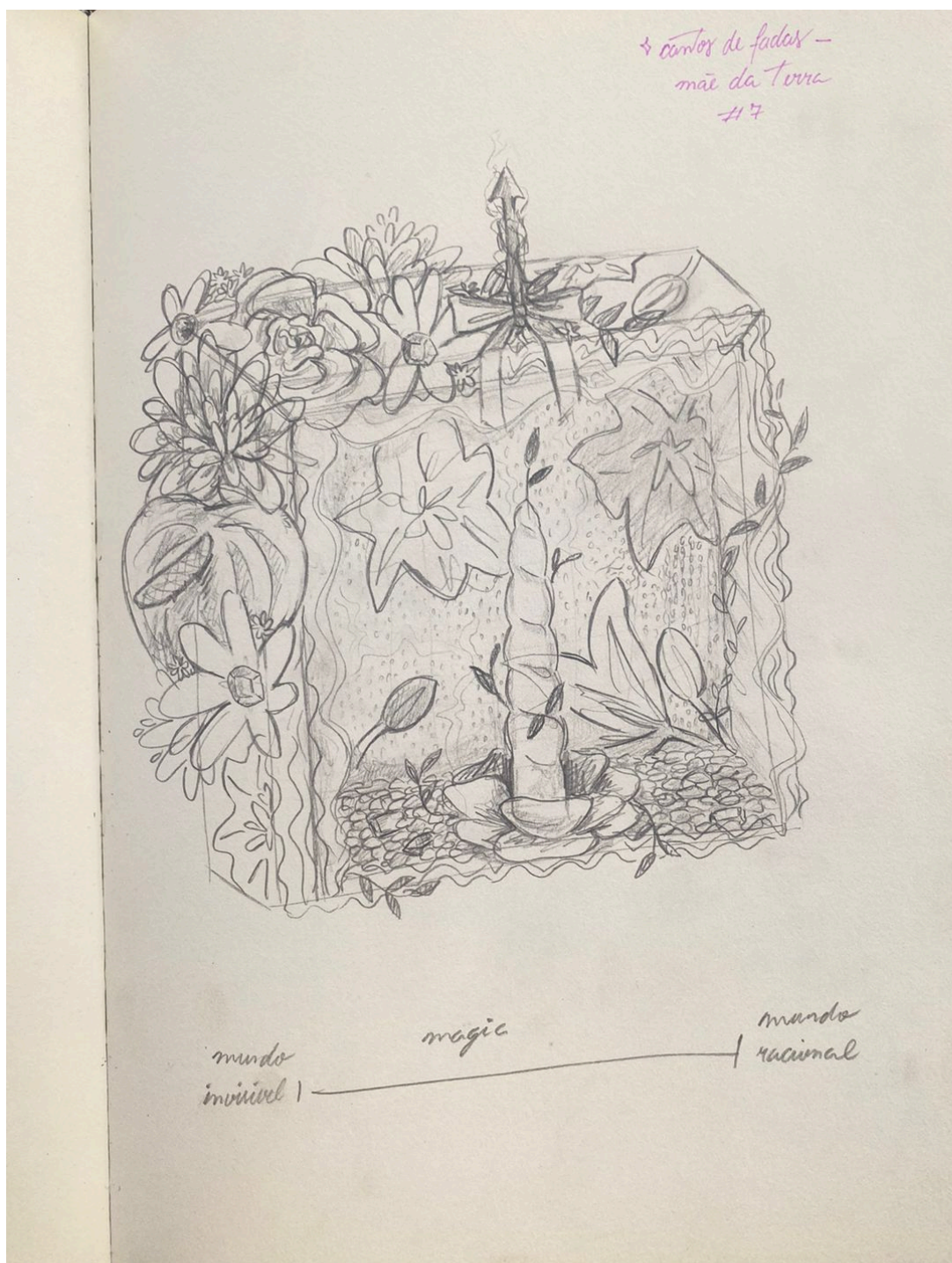


Figura 15 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #7 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 16 – Ebony G. Patterson. . . . *a wailing black horse . . . for those who bear/bare witness* [“... um cavalo negro uivante ... para aqueles que testemunham”], 2018. Detalhe. Tapeçaria fotográfica com glitter, alfinetes, borlas, broches, pérolas de vidro, miçangas e materiais diversos em papel de parede de tecido. 2,9 m x 3,65 m. Fonte: Pérez Art Museum Miami. Disponível em: <<https://www.pamm.org/en/artwork/2019.001>>. Acesso em: 04 out. 2024.

Em seguida, os traçados de grafite se unem com as cores, dançando por um imenso arco-íris (figura 17). Neste momento, são desenhados 10 (dez) estudos de paletas de cores para a primeira casinha de fada. Suas tinturas são criadas a partir de uma mistura de diferentes materiais, tais como aquarela, lápis de cor, marcadores de texto e canetas esferográficas. Brincar com essa variedade de materiais me transportou de volta ao território da infância, assim como também vestiu meus gestos artísticos de uma liberdade que não me envolvia há um tempo. Nestes papéis, traços imprecisos e tingimentos desajustados são convidados especiais que colaboram na construção de belezas oníricas.

É muito bonito folhear o caderno de artista, especialmente após essa etapa que concebe vida aos desenhos. Ver tantas cores faz meus olhos recordarem dos tempos passados, quando encontrava o varal nos fundos de casa repleto de tecidos das mesas de festas, lavados pela minha mãe. Em instantes, sou abraçada pelas memórias de me aventurar no interior dos panos de cetim, percorrendo um longo labirinto colorido e úmido. Uma sensação que, em algum momento, me transportava de volta ao útero. Esses estudos de cores têm o mesmo sabor dessa lembrança.

Aqui, o estudo escolhido para dar seguimento é o décimo segundo (figura 23). Suas cores vagueiam entre as tonalidades rosadas, azuladas, avermelhadas e de roxo – esses pigmentos vão conversando conosco sobre os domínios do solo, contando histórias sobre um mundo que não conhecemos. Curiosamente, enxergo essa paleta na própria natureza, no horário do entardecer, momento que entendo como a abertura dos múltiplos portais com o invisível. Aos meus olhos, vejo como se as fadas, essas zeladoras dos destinos, atravessassem a passagem ao nosso mundo e nos convidasse para se achegar perto de suas presenças, contando as paixões e os segredos da terra em pleno entardecer.



Figura 17 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #20 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, caneta esferográfica, grafite e lápis de cor sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 18 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #19 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, caneta esferográfica, grafite e lápis de cor sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 19 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #18 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, caneta esferográfica, grafite e lápis de cor sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 20 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #17 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, caneta esferográfica, grafite e lápis de cor sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 21 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #16 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, caneta esferográfica, grafite e lápis de cor sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 22 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #14 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, grafite, lápis de cor e marcadores de texto sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 23 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera, estudo #12 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, grafite e lápis de cor sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

2.2 - TERRA PRÓSPERA

O encontro com o destino se torna iminente, ou melhor, o contato com as fadas. “Seu próprio nome — Fata, ou Fados ou Destinos — é uma prova disso” (Chevalier, 2001, p. 415).

Mestras da magia, essas entidades são consideradas, em muitas tradições, como detentoras dos caminhos da morte e do destino, mensageiras do Outro-Mundo.

Na mitologia grega, as três Parcas — ou Moiras — eram irmãs encarregadas de tecer, criar e cortar o fio da vida de todos os indivíduos, inclusive dos deuses. Com uma aparência sombria, essas entidades também eram conhecidas como *tria fata*, cuja tradução simboliza “as três fadas” (Chevalier, 2001). “É acaso, e acaba sendo tudo menos acaso. (...) Os gregos a chamavam de moira — destino. Até mesmo os deuses se submetiam a um poder maior do que eles; e esse poder era seu destino” (Ostrower, 1999, p. 5). Aos olhos do meu coração, e nas superfícies dessa série, a figura mística das fadas é tida como zeladora dos destinos.

Desde pequena, ouço dos mais velhos que todos nós viemos ao mundo com um destino traçado, e destino é como os caminhos de uma nascente. Até os solares de hoje, meu nascimento é colocado como um milagre, uma vez que meu destino era a morte. Com diversas experiências de quase-morte durante a infância, fui uma criança que trilhava um rastro de morte, o que pôde explicar meu hábito de andar pelas beiradas de mundos invisíveis. Também fui a primeira da família a mudar o curso da nascente. Isso, talvez, tenha sido uma das razões pelas quais as fadas se tornaram perceptíveis aos meus olhos nus, já que, desde menina, meus pés perambulavam pelos seus domínios.



Figura 24 – Registro da 2ª celebração de nascimento (Goiânia - GO), 2004. Fonte: Arquivo pessoal.

Dentre os reinos visitados, a proposta agora é criar um cantinho celestial que irradie o cheiro e as energias da Terra Próspera. Ao imaginar sua estrutura como um oratório, logo me vem à mente o trabalho do pintor e escultor brasileiro Farnese de Andrade, com seus oratórios barrocos que transbordam mistério, claustrofobia e encantamento (figura 25). A conexão entre suas obras tridimensionais e a ideia de um espaço sagrado é instantânea, especialmente ao considerar as significâncias subjetivas da caixa e do oratório, que atuam como refúgios dos segredos, do inconsciente e das devoções (Nascimento, 2007).

Contudo, enquanto “a fonte temática de seus trabalhos nutre-se de seus traumas de infância e das desagregações da vida adulta” (Mattar, Cosac, 2019, p. 5), os rios que banham minhas práticas artísticas passeiam pelas maravilhosidades da mocidade, transmutando os ensinamentos semeados. Os objetos de Farnese revelam o peso da religião, ressaltando o pecado e o castigo, já minhas práticas exploram um outro viés, que se baseia na visão infantil e se atenta aos fragmentos de magia que impregnam as crenças.



Figura 25 – Farnese de Andrade. *O Anjo Louco*, 1986. Assemblage (oratório em madeira e objetos). 55 x 35 x 18 cm. Fonte: James Lisboa Leiloeiro Oficial. Disponível em: <<https://www.leilodearte.com/leilao/2013/novembro/13/farnese-de-andrade-o-anjo-louco-2128/>>. Acesso em: 16 out. 2024.

Um dos referenciais artísticos que transitam pelos caminhos que busco adentrar é o artista sul-africano Igshaan Adams. Suas instalações funcionam como portais que abrigam mundos repletos de preciosidades (figura 26). Adams cria beleza a partir de materiais

considerados sem valor, resultando em flores e poeiras de ar que emanam de pessoas que dançam, trajadas com tecidos ecumênicos inspirados em objetos sagrados (Brito, 2023). Com uma prática que dá vida a novas formas surreais, integrando sensibilidade e intimidade, há um desejo de, assim como Adams, invocar a maravilha através do ato artístico.



Figura 26 – Igshaan Adams. *Samesyn [Comunhão]*, 2023. Instalação. Dimensões variadas. Fotografia: Levi Fanan. Fonte: Thomas Dane Gallery. Disponível em: <https://www.thomasdanegallery.com/artists/363-igshaan-adams/works/>.

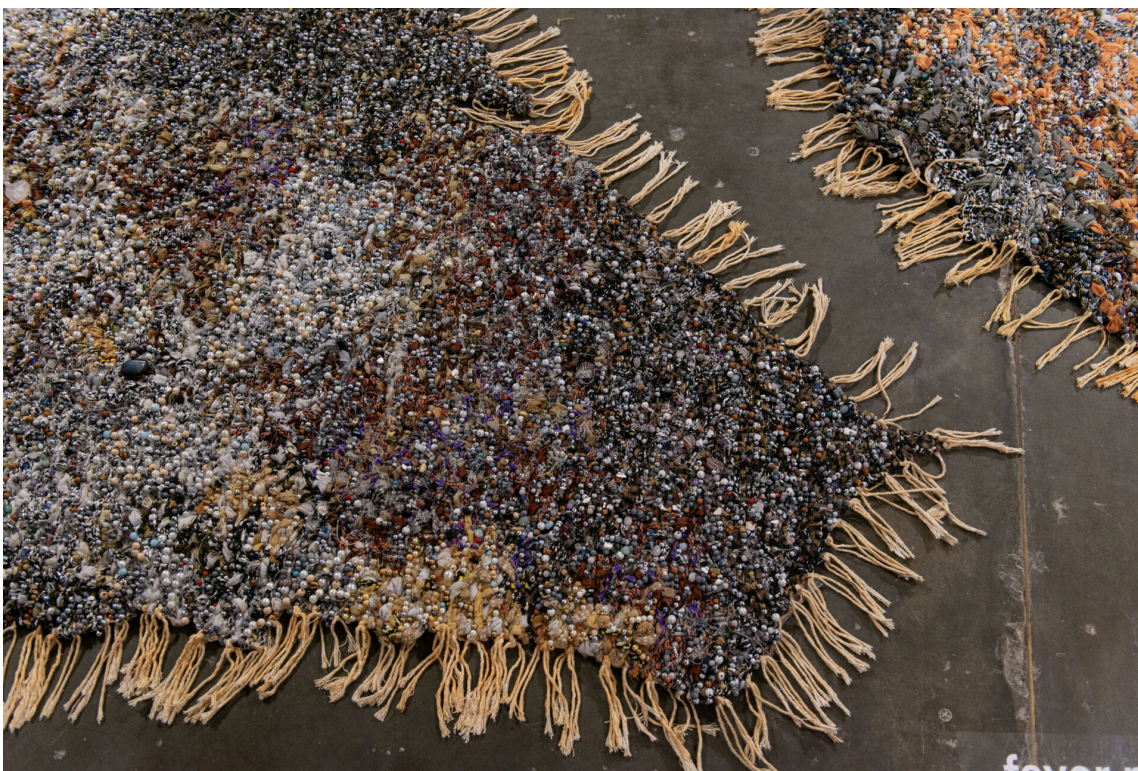


Figura 27 – Igshaan Adams. *Samesyn [Comunhão]*, 2023. Detalhe. Instalação. Dimensões variadas.
Fotografia: Levi Fanan. Fonte: Thomas Dane Gallery. Disponível em:
<<https://www.thomasdanegallery.com/artists/363-igshaan-adams/works/>>.



Figura 28 – Igshaan Adams. *Samesyn [Comunhão]*, 2023. Detalhe. Instalação. Dimensões variadas.
Fotografia: Levi Fanan. Fonte: Thomas Dane Gallery. Disponível em:
<<https://www.thomasdanegallery.com/artists/363-igshaan-adams/works/>>.

A partir da bagunça colorida anterior, chega o momento de trazer a obra para a realidade, puxando-a do papel. Distante da tática dos desenhos animados, onde basta agarrar o desenho com uma das mãos e trazê-lo para nosso plano, é preciso montar toda a sua estrutura aqui. Para isto, o primeiro passo foi dado em Campinas, bairro de Goiânia, nas ruas cheias de tecidos nas portas das lojas. Em avenidas extensas com estabelecimentos voltados para miçangas, panos e decorações de festas, os ventos do reencontro me envolvem, e me percebo fazendo os mesmos trajetos de quando meus pés eram menores, acompanhando minha mãe em suas idas pelo mesmo setor.

Com os materiais e ferramentas em mãos, parto para a construção da maquete, utilizando papelão para dar sustentação. É um processo simples, porém delicado, pois envolve revestir a caixa com fita, cola e papel para garantir firmeza. O resultado é emocionante, como se estivesse criando minha primeira casinha de fada. Tanto o interior quanto o exterior são camuflados com camadas de tinta acrílica (figura 29). Ao mesmo tempo, as pinceladas beijam constantemente a superfície das plantas artificiais colhidas nas lojas de Campinas (figura 30). Deste ato, que pode parecer meramente processual, cintila uma faísca em meu peito e me é soprado nos ouvidos a recordação de que, conforme registrado pela minha criança (figura 2), as fadas da terra seriam as responsáveis pelas tinturas das plantas na natureza. Os percursos do trabalho artístico se estendem além da minha criança, sendo agora agraciado pela energia das próprias fadas em sua feitura.



Figura 29 – *Mães da Terra Próspera (maquete)*, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 30 – Tinturas das plantas, maquete *Mães da Terra Próspera*, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

Entre tantos saberes das festas, um dos meus favoritos era inventar belezas. Sempre me encantou a forma como eram criadas representações para elementos orgânicos, como o uso da cola quente para simular água, as miniaturas para visualizar castelos imensos, ou mesmo meios de se contar invisibilidades. As memórias dos modos de fazer nas festas compõem um inventário de aprendizados que são transmutados pela ação das minhas mãos, preparando novas estruturas para estas – e outras – celebrações. Com auxílio da cola quente, o tule com glitter é posto ao fundo da caixa, transformando o tecido em um mediador de confluências mágicas, buscando conferir o mais próximo de uma eterealidade à casinha de fada.

Pensando em fundos, este plano também tem um papel importante na mesa de uma festa, com painéis que costumam representar a imagem central da temática escolhida pelo aniversariante. No entanto, através do meu olhar infantil, o fundo era visto como uma espécie de convite. Essa ideia surgiu da observação de que minha mãe, apesar de sua convivência diária com os pincéis, não tinha vínculos com a pintura. Por isso, era necessário convidar alguém conhecido dos tempos passados para colaborar com seus conhecimentos artísticos.

Das raízes que não se soltam, a prática com o teor festivo reflete as mesmas noções da mocidade. Assim, faço um convite indireto à artista Ebony G. Patterson (figura 31), bebendo inspiração em seus trabalhos artísticos para florescer novas possibilidades estéticas aos

planos da maquete e, posteriormente, à própria casinha de fada. Patterson brinca com as sutilezas dos detalhes, uma característica encantadora que constantemente adorna suas obras. Em uma parcela significativa de suas tapeçarias, sou frequentemente marcada pela presença dos retalhos de chita, um elemento comum nos lares e nas festividades populares. Ao tecer prosas com a artista, convido seus fazeres ao meu trabalho, permitindo que o florescimento da chita ornamentem as paredes do lar para os seres da terra.



Figura 31 – Ebony G. Patterson. *Russian - From the Out and Bad Series [Russo – série Fora e Ruim]*, 2012. Detalhe. Tapeçaria fotográfica de mídia mista com sapatos enfeitados à mão. Dimensões variadas. Disponível em: <<https://ebonygpatterson.com/>>. Acesso em: 14 out. 2024.

As peças de chita são recebidas com o mesmo cuidado das flores artificiais, sendo pintadas (figura 32) e preparadas no ateliê de tridimensional, durante uma disciplina optativa, nomeada “O Objeto na Arte Contemporânea”¹² (FAV0665). Suas pétalas são coloridas com tintas de tecido, enquanto as flores já secas são podadas do pano.

¹² Disciplina ministrada pela docente Eliane Maria Chaud (2024 . 2).



Figura 32 – Tinturas das chitas, 2024. Tinta de tecido sobre tecido. Fonte: Arquivo pessoal.

Após os preparativos do fundo, partimos para o preparo do chão. Desde os rabiscos da ideia, o cascalho branco era colocado como um componente para endereçar os caminhos do primeiro lar celestial, sendo constantemente ecoado seu nome em meus ouvidos pelos sussurros. Não à toa, já que a pedra é considerada um símbolo da Terra-mãe (Chevalier, 2001). “De acordo com diversas tradições, as pedras nascem da rocha depois de ter amadurecido nela. Mas a pedra é viva e dá a vida” (Chevalier, 2001, p. 697). Para receber essas energias com elegância e encanto, o cascalho é posto recheado com miçangas cintilantes e confetes de biscuit (figura 33), celebrando os domínios fortes, frutíferos e revigorantes que é a terra próspera. Por fim, “a pedra, como a árvore, ou o céu, é um fixador de espíritos” (Chevalier, 2001, p. 700).



Figura 33 – Cascalho cintilante, 2024. Cascalho branco, biscoit e miçangas. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 34 – Colagem dos caminhos, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

Desta etapa, as flores são montadas ao longo das paredes da maquete, preparando o terreno para os plantios e retoques finais. Dos últimos adornos, torna-se possível visualizar a arquitetura imaginada para a primeira casinha de fada (figura 35). Por alguns segundos, é

hipnotizante poder enxergar a união desses elementos que refletem singularidades, saberes e encantos da terra, germinando uma festa de encantamento, composta pelas visualidades festivas, infantis e espirituais.



Figura 35 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera* (maquete), 2024. Acrílica, biscuit, cascalho branco, chita, fitas decorativas, miçangas, papelão, plantas artificiais, spray, tinta de tecido, tule com glitter e vela sobre papelão. 29 x 30 x 11 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Após contemplar a maquete finalizada, meus fazeres artísticos migram para a caixa de madeira (figura 36). Surge o desejo de conferir um acabamento mais primoroso às casinhas de estações passadas, feitas de papelão, pelas minhas mãos de menina. Aqui, as primeiras pinceladas são carregadas de seladora. Depois deste cuidado com a madeira, os pincéis, acompanhados da tinta acrílica, distribuem beijos suaves sobre a superfície, doando cores ao suporte escolhido.



Figura 36 – Caixa de madeira, 2024. 31 x 28 x 11 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Com um modo de preparo não muito diferente do anterior, são revisitadas diversas memórias, alquimias e estrupilas artísticas que fundamentam o processo criativo, como a aplicação de cores nas plantas (figura 38). Durante a incorporação desta prática herdada pelas fadas-zeladoras da terra, meu olhar captura um sutil detalhe que é comum a todas as folhagens artificiais: suas pontas, sempre direcionadas para cima, similares à uma flecha (figura 39). Por vezes camuflada, ora evidente. Tal como as flechas dos *odés*¹³, mestres caçadores e divindades guardiãs das matas no candomblé. “A flecha é um símbolo do destino” (Chevalier, 2001, p. 498). Aqui, esta marca também é digna de recordação do trabalho *Giro* (2023), da artista mineira Luana Vitra. Uma instalação primorosa (figura 37) composta por minérios, desenhos cerâmicos, flechas que apontam encruzilhadas e cruzeiros que guiam caminhos.

De mãos dadas com a espiritualidade, percebo as confluências do invisível percorrendo pelos vales da transmutação que habitam meu trabalho artístico, refletindo como o mundo mágico é capturado pelos olhares infantis. “A criança enxerga grande, a criança enxerga belo” (Bachelard, 2006, p. 97). Acima de tudo, ela vê a magia em sua plenitude.

¹³ *Odé*, em iorubá, significa “caçador”.



Figura 37 – Luana Vitra. *Giro*, 2023. Desenho sobre cerâmica, cobre, ferro, pedra de minério de ferro e tecido. 200 m². Disponível em: <<https://luanavitra.com/GIRO>>. Acesso em: 14 out. 2024.



Figura 38 – Tinturas das espadas, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

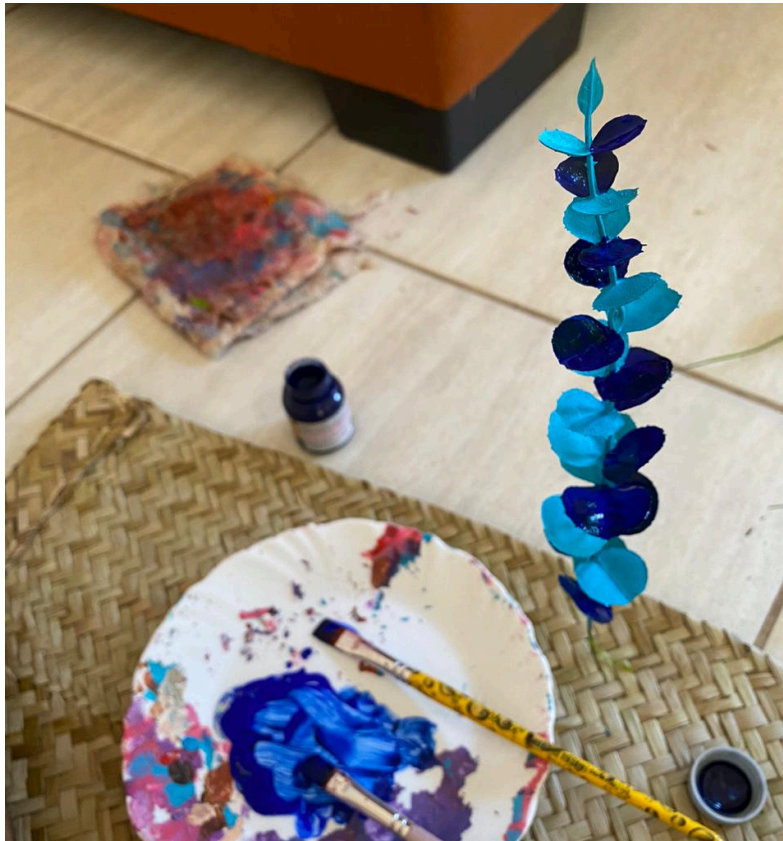


Figura 39 – Tinturas das plantas, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

Na tradição mitológica grega, as flores já são vistas como representações das almas dos mortos. Não é surpreendente que a rainha do submundo, Perséfone, esteja associada à agricultura, à primavera e à fertilidade (Chevalier, 2001). Embora aqui as flores estejam relacionadas diretamente à fertilidade, uma vez que são consideradas as genitálias das plantas. Guardiã dos nascimentos e zeladora das almas, a terra “dá e rouba a vida” (Chevalier, 2001, p. 879). Com este objeto artístico, peço licença às fadas, criaturas e ancestrais que habitam os domínios da terra para trazer um pedaço do reino de prósperos nascimentos.

Ao final desta celebração, um elemento fundamental é a vela. Ela é a alma dos aniversários (Chevalier, 2001) e a eterna guardiã dos nossos pedidos mais íntimos. Quando menina, muito me encantava o fato de que a vela funcionava como uma espécie de portal, unindo os dois mundos que minha criança vivenciava: as festas infantis e os contextos espirituais. O que a tornava ainda mais especial, no entanto, era sua capacidade de realizar desejos. Para meus olhos, a vela era um item de pura magia; seja em aniversários ou em batismos, não há celebração sem convidá-la. Ela confere encanto aos nossos momentos, tornando-os especiais. Sua chama, que ilumina caminhos, é simbolizada aqui através de uma

parte das folhagens. Seguindo os ensinamentos que me fascinavam lá atrás, especialmente nas feituças das festas, onde a representação dos elementos passeia pelos vales da transmutação.

Quando minhas mãos são envolvidas nesses fazeres que dançam com os sussurros em um rio de memórias, sinto-me fluente na língua do encantamento, portadora das chaves que abrem portais de universos astrais, andarilha dos destinos iluminados pela alma flamejante da guardiã dos desejos. Percebo-me menina das matas, arteira, alquimista, abençoada e encantada novamente, apenas vivendo novas estações. A partir daqui, nomeio a produção como *oratórios de fadas*. Entendendo-os como reflexos da alma da minha criança, semeadora de saberes festivos e espirituais, que celebra mundos de magia e riquezas.



Figura 40 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera*, 2024. Acrílica, biscuit, cascalho branco, chita, ferro, fitas decorativas, miçangas, plantas artificiais, spray, tinta de tecido, tule com glitter e vela sobre caixa de madeira. 31 x 28 x 11 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 41 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera*, 2024. Detalhe. Acrílica, biscuit, cascalho branco, chita, ferro, fitas decorativas, miçangas, plantas artificiais, spray, tinta de tecido, tule com glitter e vela sobre caixa de madeira. 31 x 28 x 11 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

2.3 - SEIO DAS ÁGUAS

Seguindo os ditos de Bachelard (2006, p. 97) de que “as raízes da grandeza do mundo mergulham numa infância”, submerjo novamente nesse ajuntamento das águas do inconsciente. Desta vez, a fim de resgatar nas lembranças entendimentos valiosos sobre as fadas das águas. Criança dos rios, “entendo bem o sotaque das águas” (Barros, 2010, p. 47). Apesar do tão conhecido canto das sereias, as fadas das águas estão sempre conversando. Se prestar bastante atenção, é possível ouvi-las nos rios, nos riachos, nas ondas e, especialmente, nas quedas d’água, onde todas se reúnem para cantar até as cachoeiras adormecerem.

Neste reino das renovações e dos mistérios, a água representa a infinidade dos possíveis. Seus habitantes são mestres do devaneio, guardiões dos sonhos – e as fadas, assim como a maioria do povo das águas, também são arcanos da morte. Detentora da fonte de vida

e morte, a água tem o poder de apagar a história para nascer o novo (Chevalier, 2001), sendo uma convidada recorrente em rituais de batismo, iniciação e cura.

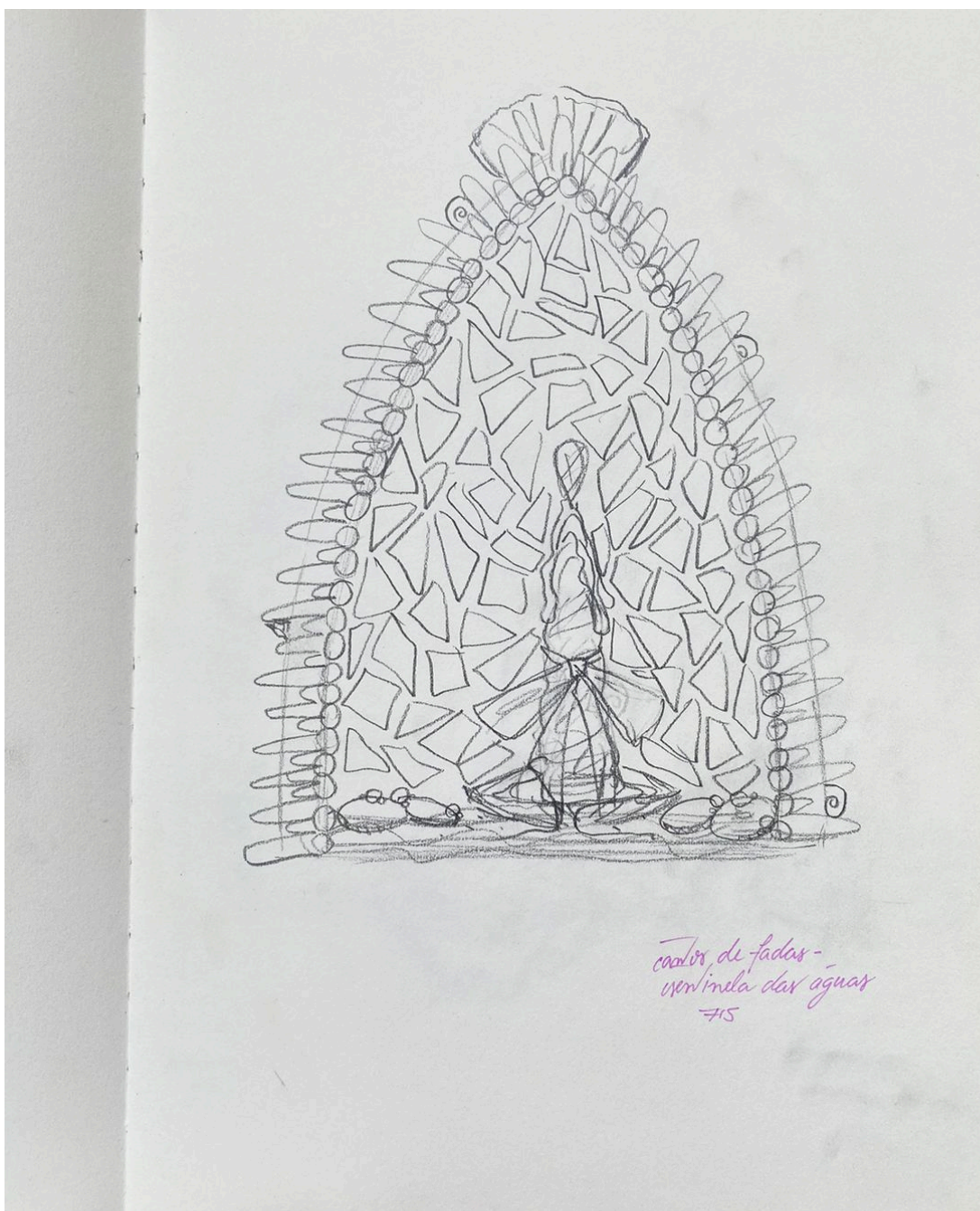


Figura 42 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar, estudo #5 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda pensando nestes objetos como canais de intimidade com esses seres fabulosos, risco nos estudos o próximo lar celestial num formato de barco. Afinal, para adentrar nos domínios das águas, torno-me barqueira neste mar das almas. Para Dantas (2009, p. 26), “todo barqueiro que atravessa um rio, todo marinheiro que atravessa o mar, trazem, sempre, o

símbolo de um além”. Assim, embarco com as cantigas sussurradas pelos fantasmas que me acompanham, rumo ao além-mar. Nessa jornada, continuo traçando mapas em papéis Hahnemühle 120 g/m², que formam o núcleo do caderno de artista e instigam minhas mãos a conversar através dessas outras linguagens.

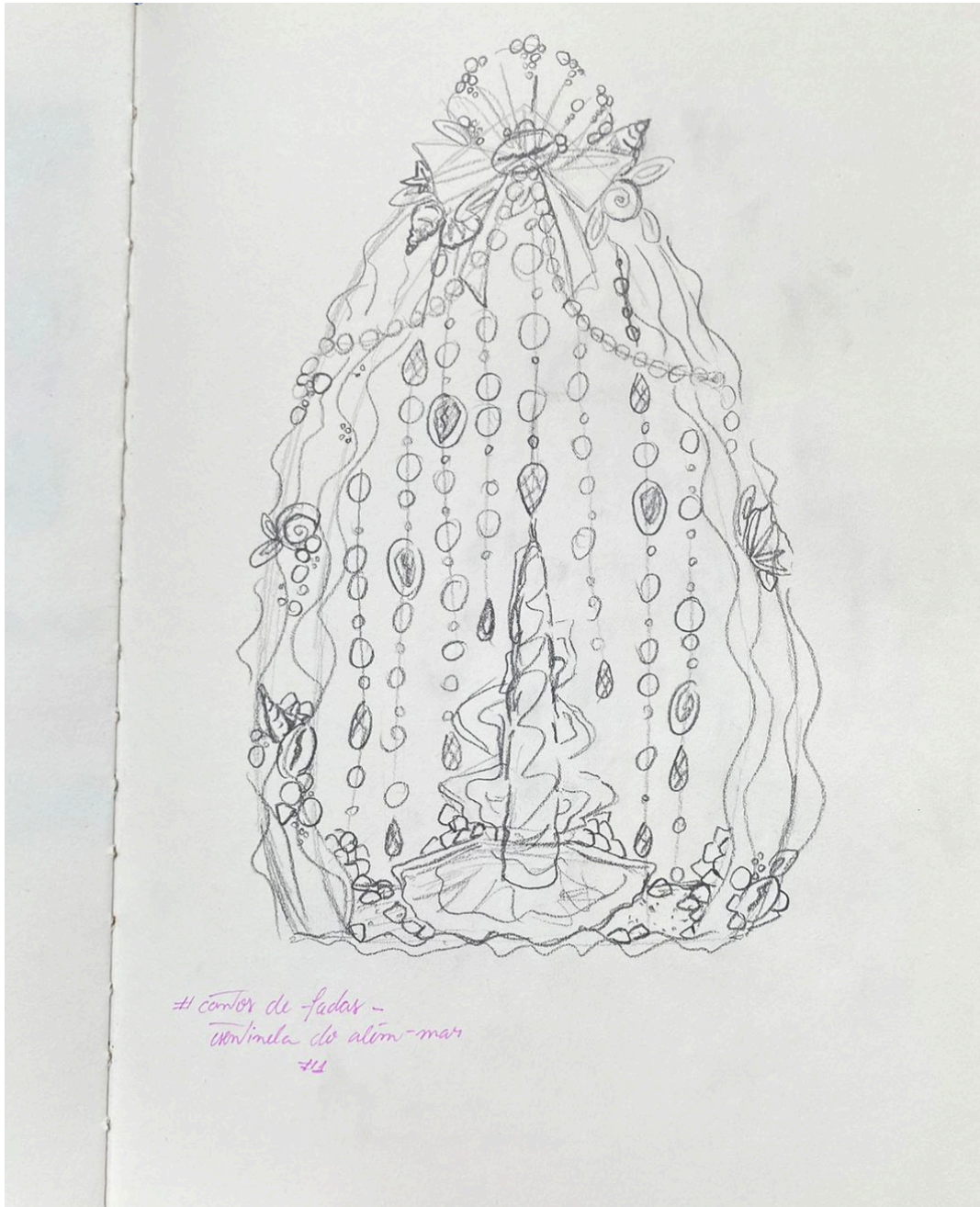


Figura 43 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar, estudo #1 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

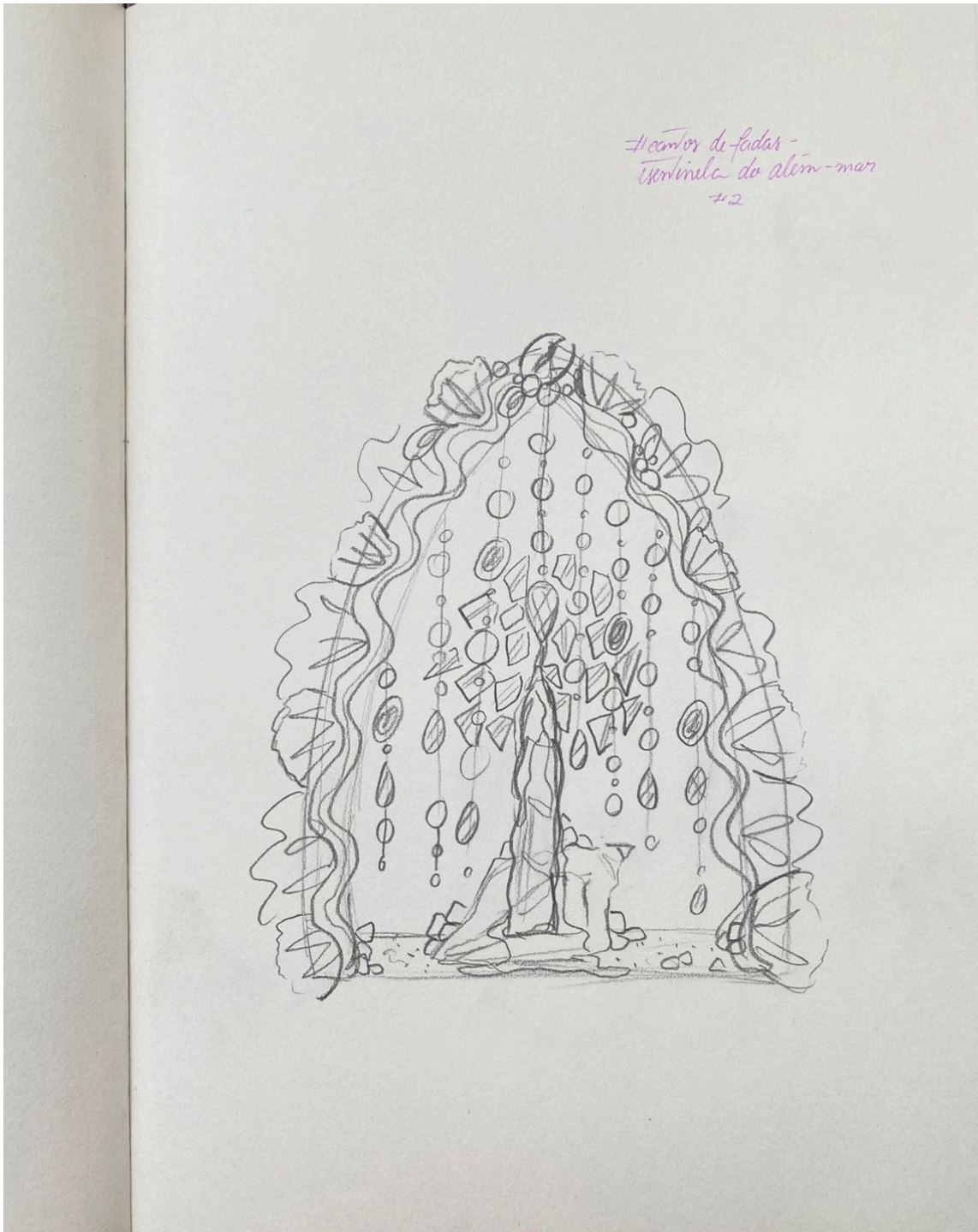


Figura 44 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar; estudo #2 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Nos desenhos de estudo, busco brincar com elementos que carregam consigo características que entendo como pertencentes à água. Esse inventário de elementos que ativam portais foi construído a partir da minha perspectiva infantil, incluindo, por exemplo, a cola quente, que atuava constantemente como a água nas decorações de festas – aqui, ela partilha junto com a água o dom da transparência. Outro aspecto marcante nas águas é ser

esse espelho ancestral, aqui o reflexo é trabalhado diretamente com a apropriação de um pequeno espelho, que concede teceduras mágicas com o *abebé*¹⁴ de mamãe Oxum¹⁵ e Iemanjá¹⁶, orixás cuidadoras das águas nas religiões afro-brasileiras. O *abebé* é um espelho que tem a funcionalidade não somente de revelar aos olhos das divindades a própria beleza, mas permite enxergar os perigos que se escondem atrás de si (Dias, 2020). Além de um instrumento que afasta energias negativas, também considero as reflexões genuínas de Chevalier (2001, p. 393) sobre o acessório: “O que o espelho reflete? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e a consciência”.

Entre as iluminuras, o sexto estudo (figura 46) é o escolhido para aprofundar nos próximos passos. Batizado nas águas oníricas pela minha criança, o rascunho ganha vida, fluindo em movimentos sutis ao longo das futuras etapas do processo artístico. Posto isto em memória, compartilho as imagens das investigações coloridas para este oratório de fada (figura 47, 48 e 49). Aqui, a alquimia das cores continua, utilizando materiais e ferramentas que favorecem um fazer mais livre, enraizado no território da meninice. Nestes estudos, banho em águas de tons azulados, esverdeados, rosados com pitadas de branco e roxo. As cores do crepúsculo permanecem dançando por entre meus feitios artísticos, envolvendo o trabalho com uma atmosfera fantástica e, num mesmo tempo, desconhecida. Dos mistérios que têm banhado minhas práticas, sou hipnotizada por um som familiar que ecoa do décimo terceiro estudo, definindo-o como meu mapa encantado nessa navegação artística.

¹⁴ Espelho sagrado utilizado em rituais de religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. É um objeto espiritual emblemático das yabás, as orixás femininas, Oxum e Iemanjá.

¹⁵ Divindade feminina da mitologia iorubá, venerada no Candomblé, na Umbanda, entre outras religiões afro-americanas. Orixá das águas doces, do amor verdadeiro, do ouro, da meiguice e da fertilidade.

¹⁶ Divindade feminina da mitologia iorubá, mãe de quase todos os orixás. Senhora das águas salgadas, da fertilidade, da família, da pesca e da maternidade.



Figura 45 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar, estudo #7 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

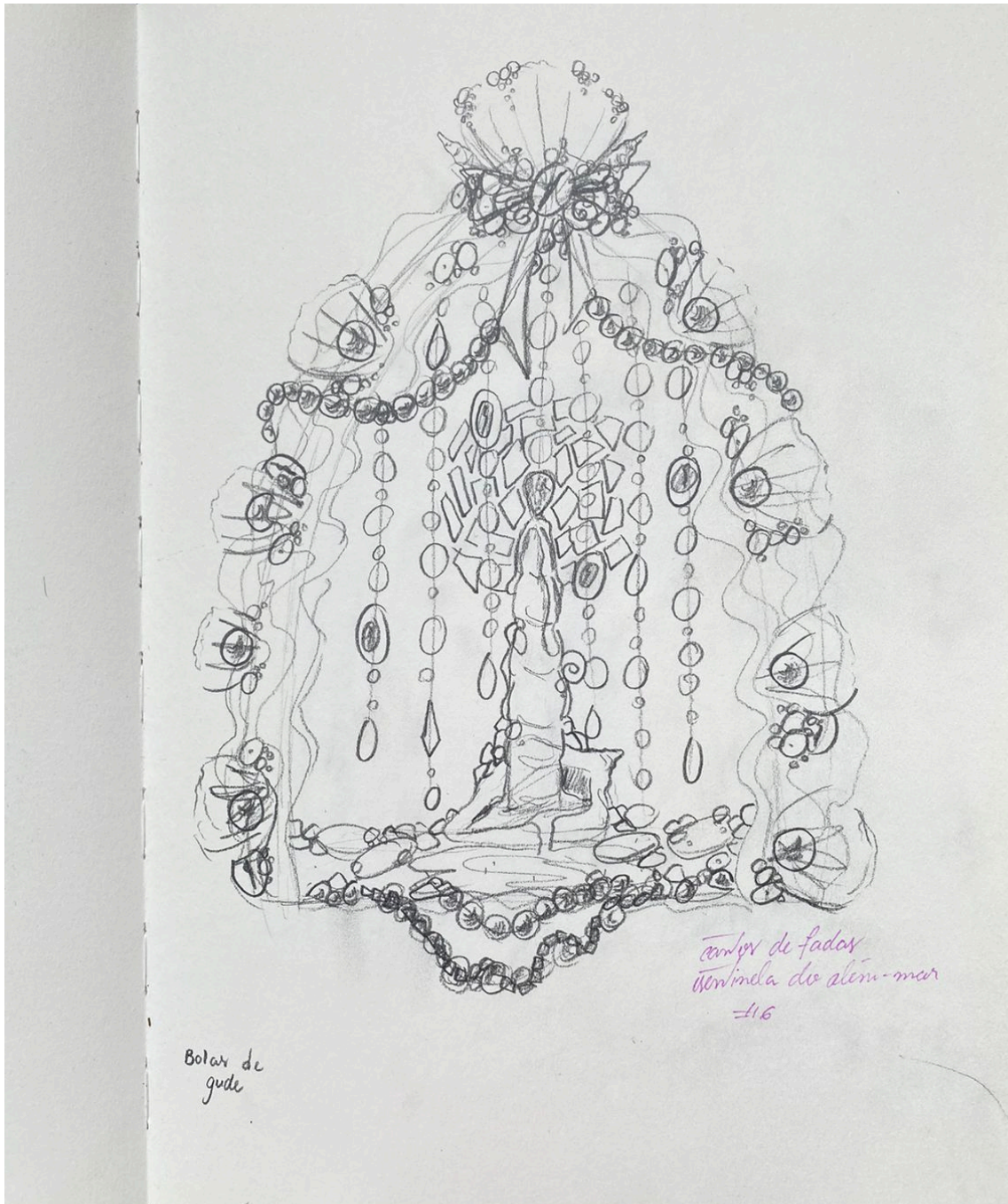


Figura 46 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar, estudo #6 – Cantos de Fadas*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

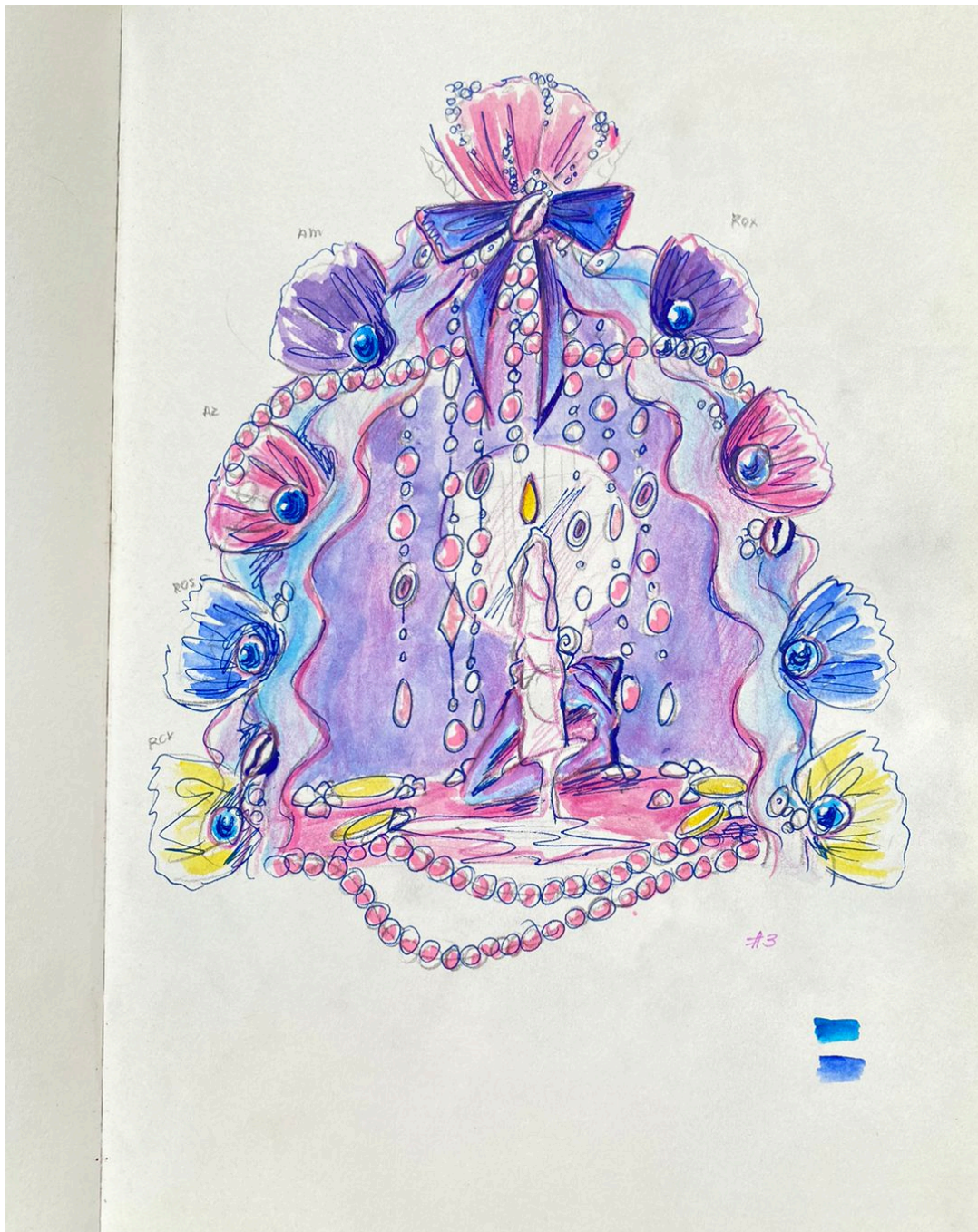


Figura 47 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar, estudo #11 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, grafite, lápis de cor e nanquim sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 48 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar, estudo #12 – Cantos de Fadas*, 2024. Aquarela, grafite, lápis de cor e nanquim sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 49 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar, estudo #13 – Cantos de Fadas*, 2024. Caderno de artista. Aquarela, grafite, lápis de cor, nanquim e marcadores de texto sobre papel Hahnemühle 120 g/m² (estudo no caderno de artista). 29,7 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

2.4 - ALÉM-MAR

Fluindo pelos mapeamentos anteriores, torna-se claro o momento de dar forma à próxima casinha de fada. Antes de chegar ao destino, as brisas marinhas passeiam pelas minhas narinas, enchendo o peito de inspiração. Neste acaso sensorial, a prática é recheada com os encantos feitos pelas mãos do artista maranhense Joelington Rios. Em particular, destaco sua obra *Como Alimentar Rios* (2022). Nesta instalação (figura 50), o espectador é

convidado a se sentar junto à mesa montada para uma refeição, em um espaço que celebra o que há de mais sagrado na comunidade quilombola de Rios. As panelas azuis na mesa são nutridas de enfeites e arranjos simbólicos relacionados à orixá das águas salgadas, Iemanjá. Ouvir suas histórias, conhecendo um pouco do universo encantado de Rios, alimenta meu espírito. Nas confluências sagradas que nascem dos encontros da vida, retribuo aqui um convite ao artista para que não apenas inspire meus fazeres, mas também se aconchegue ao meu mundo.



Figura 50 – Joelington Rios. *Como alimentar rios*, 2022. Instalação, vídeo e fotografia. Fonte: Joelington Rios Portfólio.

O primeiro ponto de parada é, na verdade, um retorno. Nos rios têxteis e coloridos de Campinas, nado em companhia das mulheres peixes, que guiam minha criança por entre as frestas encantadas dos territórios comerciais, um dia tão conhecidos pela minha mãe. Volto desta deriva poética com sacolas repletas de tesouros: tecidos cintilantes, conchas, bolinhas de gude, ossos de seres marinhos, gotas de chuva, pérolas e laços de cetim, pronta para enfim engatar nos preparativos de mais uma celebração.

As conchas são as primeiras casas da maioria dos habitantes das águas; sem os beijos da luz refletida pelos céus dos rios ou mares, elas podem esquecer que são amadas. Para demonstrar respeito e carinho por elas, os feitios ritualísticos sugeridos pelos sussurros são seguidos de variados cuidados, que vão desde banhos de ervas até vesti-las com tinta metálica

e pérolas (figura 51). Nesse processo, conversamos com as conchas, pedindo para que aceitem se tornar lares novamente para o povo das águas, não apenas como escudos de sobrevivência, mas como espíritos que celebram e são celebrados, guardiões de festividades. Segundo as vozes, elas aceitam.



Figura 51 – Encantamento das conchas, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 52 – Barco, 2024. Caixa de madeira. 35 x 25 x 12 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Com o barco de madeira em mãos, parto aos processos de adorno. As cores, as texturas e a magia infestam as paredes bege da caixa. O chão é forrado com cetim rosa choque, suas ondas cintilantes criam uma familiaridade com a imagem da areia (figura 53), enquanto habitante da água, sob os feixes de luz. Enquanto montadora de rituais, percebo o brincar como meu parceiro nesse processo, além de ser um grande manuseador de feitiços. Vejo isso nas sutilezas do próprio tratamento com a areia rosa – aqui, concedo moedas, assim como meus mais velhos faziam com os santos residentes em grutas endereçadas nos pátios de igrejas católicas em Trindade, município de Goiás; enfeito com conchas, lembrando do meu pai de santo nos ensinando a decorar as festas no terreiro com carinho. Em meu peito, entendo que é isso o que torna esses objetos como portadores de magia: o casamento dos ensinamentos sagrados e das celebrações que germinam esses – e muitos outros – rituais de encantamento da vida.

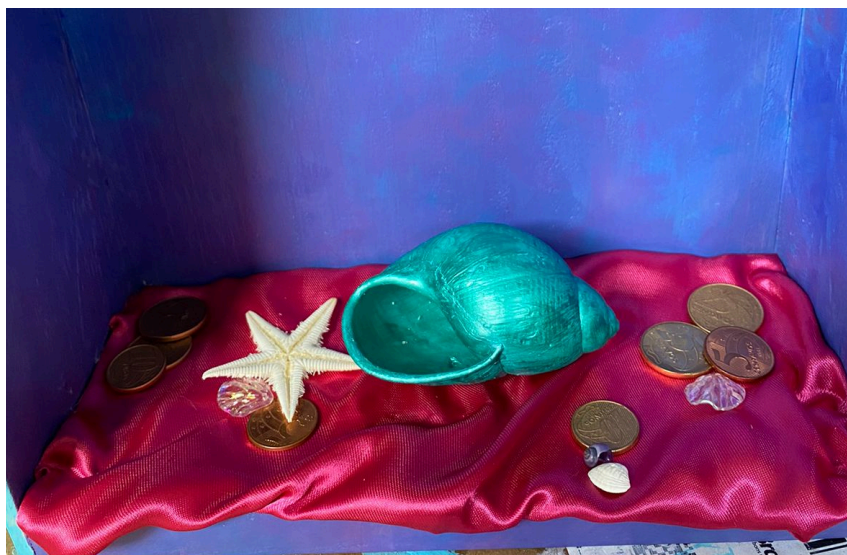


Figura 53 – Areia rosa, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

Na feitura deste oratório, vai-se iluminando aos meus olhos os ensinamentos das decorações de festas e da minha educação espiritual de terreiro. Montar esses pequenos reinos com tamanho cuidado e boniteza requer um envolvimento genuíno. Não é de surpreender, que num determinado momento, encontro meus fazeres artísticos hipnotizados pelos seres das águas. O retorno à superfície, depois dessa imersão na prática, é marcado pela surpresa ao perceber o oratório próximo de estar pronto. Pérolas e segredos nadam em linhas verticais por todos os lados. “Nascida das águas, encontrada em uma concha” (Chevalier, 2001, p. 711), aqui a pérola atua como um símbolo das bolhas de ar, além de carregar consigo energias lunares e femininas que impregnam o oratório das fadas das águas.



Figura 54 – Oratório das fadas das águas, 2024. Materiais diversos sobre caixa de madeira. 35 x 25 x 12 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Guiada pelos sussurros, vejo pegadas conhecidas por esses caminhos. Ao recordar da obra *Sem Título [Grande veleiro]*, do Arthur Bispo do Rosário (figura 55), vêm à mente os dizeres de Dantas (2009, p. 24), de que “o enfrentamento das águas está intimamente ligado ao devaneio, ao sonho e, também, à morte”. Penso que bonito é estar navegando nas águas misteriosas e oníricas, já desbravadas por tantas almas ancestrais, especialmente por Bispo do Rosário. O contato dos olhos com este grande veleiro me nutre o coração, os feitos artísticos do artista são verdadeiros trabalhos carregados de fé, suas obras são portadoras de riquezas celestiais que alimentam minhas mãos, para prosperar o que pretendo tocar a partir de agora.



Figura 55 – Arthur Bispo do Rosário. *Sem título [Grande veleiro]*, s/d. Revestimento, costura, bordado, montagem, carpintaria, escrita, pintura e perfuração. escrita. 118 x 158 x 65 cm. Fonte: Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Disponível em: <<https://museubispodorosario.com/acervo-2/grande-veleiro/>>.

Dos caminhos trilhados, finalizo mais um oratório de fadas. Olho pra trás, identificando rituais, sentindo a força dos ensinamentos espirituais e reconhecendo as energias que abençoam e me acompanham na feitura desses objetos. A partir desses entendimentos, considero os oratórios de fadas como objetos mágicos. Objetos artísticos carregados de poder, energia e magia. Meu primeiro contato com a concepção de objetos ritualísticos ocorreu por meio dos mais velhos, destacando-se a mestra Fabiana Francisca Santos (2023). Em sua dissertação de mestrado, intitulada *Arte de Terreiro Matriarcal: Trabalho de mulheres da Casa de Caridade Luz do Alvorecer*, ela apresenta a instalação *Reinado de Corações* (2022), realizada com as mulheres do terreiro Casa de Caridade Luz do Alvorecer, considerando o feito de corações como objetos mágicos (figura 56). Em suas próprias palavras (Santos, 2023, p. 176): “trata-se de uma produção de objetos ritualísticos, realizados com a orientação das entidades guias”.



Figura 56 – Xica. *Reinado de Corações*, 2022. Tecidos, miçangas, linha, madeira, fitas, óleos essenciais, vaso de barro, ervas e flores secas. Dimensões diversas. Foto: Paulo Rezende. Fonte: Xica Portfólio.

A partir desse saber compartilhado sobre objetos mágicos, vou me achegando próximo aos nomes importantes dentro da área de Artes Visuais, conhecidos pelos seus feitos artísticos que resultaram em objetos ritualísticos, como o próprio Arthur Bispo do Rosário e o artista e sacerdote afro-brasileiro Mestre Didi. As obras de Mestre Didi (figura 57) dançam em um constante fluxo de destinos, transitando entre as artes visuais e o culto dos ancestrais africanos (Mattar; Darzé, 2018). Mantenedores de heranças, não se pode impedir os olhos do coração em reconhecer toda a magia que permeia os trabalhos feitos pelo artista. Assim, chamá-los apenas como objetos de arte não seria o bastante para contemplar todo o poder de realeza transpassado por suas mãos.



Figura 57 – Mestre Didi. *IWIN OLÁ ATI EYE LOKE [Majestoso Ancestral da Árvore com um Pássaro no Alto]*, 1978. Nervura de palmeira, couro, búzios e palha da costa. 197 x 85 x 25 cm. Fonte: Galeria Almeida e Dale.

Neste reino das celebrações, que sejam bem recebidos o povo das águas! Aqui, vejo-me peixinho das águas, feiticeira do canto de sereia, iluminada pelos feixes de luz molhados. Que alegria é poder ouvir as cantorias das fadas para as cachoeiras adormecerem até que meus olhos também queiram se deitar. Zeladoras de segredos que guardam preciosidades em meu coração. Nos luares de hoje, entendo que isto é apenas o começo de uma jornada encantada. Continuo, seguindo os risos dos espíritos.



Figura 58 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar*, 2024. Acrílica, búzios, bolinhas de gude, cascalho branco, cetim, cola quente, conchas, espelho, fita decorativa, lantejoulas, linha de naile, miçangas, moedas, pérolas, tule com glitter e vela sobre caixa de madeira. 35 x 25 x 12 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

3 - PREPARAR A MESA



Figura 59 – Campos floridos de brigadeiros (Goiânia - GO), 2004. Fonte: Arquivo pessoal.

Dos sopros dos fantasmas nos ouvidos, entendo que os preparativos não estão concluídos. Surge um pensamento persistente em relação ao modo de como esses objetos mágicos serão apresentados. A ideia de um cubo branco de galeria não contempla toda a potência das energias residentes nos oratórios de fadas, quase parecendo dispensá-las. Guiada pelos sussurros, encontro-me com a sugestão de utilizar peanhas¹⁷ como suporte. No entanto, mesmo que fosse visível o flerte da base planejada com as produções artísticas, uma vez que as peanhas têm um histórico de serem encontradas próximas de oratórios, achar de fato esse objeto é uma tarefa mais árdua. Por ser uma peça mais trabalhada e, em alguns casos, antiga, a sua disponibilidade nos estoques dos antiquários é escassa, resultando em preços elevados. Outra complicação teria sido a de que os tamanhos disponíveis muitas vezes não cabiam os oratórios de fadas.

Perante essas questões, minha criança passa diante de mim, traçando um novo plano: construir minhas próprias peanhas. Nas entrelinhas dessa ideia, percebo que não se trata de uma peanha comum, que é mais elaborada. Na verdade, aqui trata-se de suporte bem simples. Logo, compreendo a grandeza que não conseguia ver à primeira vista. Ao refletir que, nesta

¹⁷ Base, pedestal ou suporte para imagens, santos ou vasos, podendo ser fixada na parede. Pode ser feita de pedra, madeira, gesso, entre outros materiais.

prática, de certa forma, estou preparando outros tipos de festa, é preciso lembrar-se de pôr a mesa.

No coração das minhas lembranças, montar a mesa é embelezar com tecidos, criando chãos coloridos e cascatas de cetim à frente. Deste solo de texturas, brotavam vastos campos floridos de docinhos. No centro, é de costume que haja uma cama de gostosuras, com cobertas de massa, chocolate, *chantilly* e papel de arroz, onde a guardiã dos pedidos possa descansar. A partir dessas colocações, é rememorável uma visão na meninice que entendia altares como mesas de festas. Assim, cresce uma inspiração de incorporar a forma do altar na apresentação do trabalho artístico.

Essa visão do altar como uma mesa de festa é uma boa amostra dos encontros com altares dos mais diversos tipos durante a tenra infância. Desde os altares católicos, destinados à admiração pública, passando pelas celebrações do *día de los muertos*¹⁸, para receber nossos ancestrais em festa e com carinho, até às mesas de catiços¹⁹ ou encantados, adornadas com utensílios pessoais e presentes. Destas experiências visuais, iluminava em meus entendimentos de menina que a organização dos altares era como montar uma celebração, assim, o altar era subentendido como a mesa central da festa.

Perambulando por entre esses caminhos, os altares voduns se apresentam como visualidades profundamente inspiradoras. Ao meu ver, é um gracioso exemplo para a elaboração do altar aos oratórios de fadas – pensando o altar como essa mesa de celebração, ornamentada com elementos mágicos e que acolhe um preparo ritualístico. No vodun, os espíritos – chamados pelo nome de *lwa*, que simboliza “os invisíveis” ou “os mistérios” – são convidados através de desenhos, nomeados *vèvè*, feitos pelo chão do espaço cerimonial, com variados ingredientes. Meu olhar é cativado pela beleza de suas mesas sagradas, enxergando-as como verdadeiras manifestações de realeza, onde se realizam grandes bailes que convocam reuniões encantadas entre as forças místicas. Sendo possível perceber, num ou outro altar vodun, a presença de entidades enraizadas de crenças diferentes, que se entrelaçam nesse espaço de comunhão, magia e reverência.

¹⁸ *Día de los muertos* (dia dos mortos) é uma celebração mexicana que ocorre nos dias 1 e 2 de novembro. Acredita-se que nestes dias, as almas falecidas possam visitar seus entes vivos. Assim, são criados altares, ornamentados com flores, velas, fotos, objetos e comidas prediletas desses espíritos ancestrais. Também é comum visitar seus túmulos em cemitérios, deixando oferendas.

¹⁹ Termo utilizado em religiões afro-brasileiras para se referir a entidades espirituais ou ancestrais. Esses espíritos são considerados protetores ou guias, e fazem parte de diversas linhagens, como exus, caboclos, ciganos, malandros, baianos, boiadeiros, sereias, entre outros.

Certamente os haitianos de hoje não encaram nem cultuam os santos católicos da mesma forma que os europeus. Apesar de os haitianos e os europeus se referirem aos mesmos personagens históricos, a verdade é que no conceito vodou do universo alguns santos católicos se fundem com os *lwas*, sendo percebidos como *lwas*. (Bellegarde-Smith; Michel, 2011, p. 157).



Figura 60 – Altar vodou. Fotografia: Don Cole. Fonte: Vodou Haitiano: espírito, mito e realidade.

É de muita alegria lembrar também que um dos fios que intimamente unia os altares, as festas infantis e a espiritualidade é, sem dúvida, a presença do coletivo dentro de cada um desses contextos. Lapidando em meu coração de menina o ensino de se ter a comunidade como descrita por Somé (2003, p. 35): “uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros”. E, no final, se nos solares de hoje estou escrevendo esses convites à maravilhosidade pelo fazer artístico, é porque “o amor que criamos em comunidade permanece conosco aonde quer que vamos” (hooks, 2020, p. 176). Assim, sigo semeando.

Uma referência de encantos que tem frutificado prosas com as estripulias artísticas, especialmente no tópico dos altares, é a artista e curadora chicana Amalia Mesa-Bains (figura 61). Suas obras transitam por temáticas feministas intersetoriais, espirituais e culturais,

desdobrando combates aos apagamentos racistas e de gênero resultantes da repressão colonial.



Figura 61 – Amalia Mesa-Bains. *Queen of the Waters, Mother of The Land of the Dead: Homenaje a Tonantzin/Guadalupe [Rainha das Águas, Mãe da Terra dos Mortos: Homenagem à Guadalupe]*, 1992. Instalação de mídia mista. 120 x 216 x 72 polegadas. Fonte: Rena Bransten Gallery. Disponível em: <<https://renabranstengallery.com/artists/amalia-mesa-bains/>>.

Suas instalações de altar, que bebem inspirações do *día de los muertos*, surgem de um resgate espiritual e cultural, alimentado por uma raiva individual e coletiva em resposta à marginalização das comunidades de cor e de suas histórias. Em suas práticas, a memória não é apenas um acúmulo de conteúdos ou simbolismos, mas uma estratégia que possibilita a manipulação do próprio trabalho, utilizando objetos cotidianos e espaços de gênero dentro de casa (Pérez; Fernández, 2023).

É hipnotizante contemplar as brincadeiras da artista através do altar. A título de exemplo, pode-se invocar a obra *An Ofrenda for Dolores del Rio* (1984/1991), que marca o início das explorações de instalação de Mesa-Bains. Neste trabalho, é transparente a reimaginação do altar como uma penteadeira (figura 62), um ato que reposiciona o espiritual em um espaço abertamente feminino. Desta transmutação do altar, um símbolo de espiritualidade no lar, para uma penteadeira, a artista estimula o nascimento de novas formações de identidade para chicanas/latinas, enfatizando sua sexualidade, poder e intelecto (Pérez; Fernández, 2023).

Sinto-me chamada pelas cachoeiras de tecidos dos seus altares, quero me esconder nas frestas encantadas das suas instalações, deitar-me sobre os chãos confeitados de vida e guardar os beijos dourados recebidos. As práticas artísticas de Mesa-Bains desaguam maravilhas que enfeitiçam nosso espírito. É esse mar abundante de purezas que almejo transbordar em meu próprio processo criativo, banhando o corpo de obras cuidado nesta pesquisa.



Figura 62 – Amalia Mesa-Bains. *An Ofrenda for Dolores del Rio* [Uma Oferenda para Dolores del Rio], 1984/1991. Instalação de mídia mista. 96 x 72 x 48 polegadas. Fonte: The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts. Disponível em: <https://warholfoundation.org/grants/archive/amalia-mesa-bains-archaeology-of-memory/>.

Dos caminhos abertos, o preparo das peanhas é iniciado. Entre estudos, cálculos e traços são desenhados os formatos que contemplem tanto as obras quanto a vestimenta posterior para as madeiras. Tatuado o desenho nas superfícies de legado dos pinheiros, as madeiras são cortadas com o auxílio da serra tico-tico, ainda durante a disciplina “O Objeto

na Arte Contemporânea”²⁰(FAV0665). As lixas também são convidadas nessa etapa, contribuindo com o refinamento da peça (figura 63).



Figura 63 – Feitio das peanhas, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

Com os cuidados finalizados, os rituais podem começar. Embora as madeiras tenham sido adquiridas nas lojas de materiais de construção, é preciso lembrar que seus espíritos não nasceram em um depósito industrial. Peço licença e a bênção a essa ancestralidade que comunga com a terra, iniciando minhas práticas com o desejo de, ao final, poder devolver, ainda que em parte, a magia que um dia lhes foi roubada.

²⁰ Disciplina ministrada pela docente Eliane Maria Chaud (2024 . 2).



Figura 64 – Teste de gravidade, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

As peças são revestidas com camadas claras de cetim e organza (figura 65). Navegando pelas águas das minhas memórias, percebo cachoeiras de tecidos que estão constantemente parindo rios de imaginação. Essas cascatas são idênticas às criadas pelas mãos da minha mãe (figura 1), que eram presentes frequentemente oferecidos para embelezar ainda mais as mesas de festas. Como uma tradição, nos lares de hoje, meu fazer artístico presenteia os altares com as mesmas cachoeiras têxteis, que desaguam em cores e texturas variadas nos domínios de cada objeto (figura 67 e 68). Uma herança com sabor de um entardecer etéreo, assim como a paleta de cores que veste as obras.



Figura 65 – Vestimenta do altar, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

Durante o adorno do altar, também sou lembrada dos feitos artísticos dos meus mais velhos, um deles é a instalação nomeada *Rota do Algodão* (2022), do artista brasileiro Dalton Paula. Uma obra que meu coração teve a oportunidade de conhecer no primeiro contato dos meus pés com o imenso prédio da Pinacoteca de São Paulo (São Paulo). Um detalhe especial dessa instalação nessa feitura é a sutileza dos seus altares improvisados que remetem às sainhas de santo. Até aqui, sou preenchida de felicidade, é muito bonito ver meu trabalho criando teceduras com os altares da *Rota do Algodão* (figura 66), me alegra poder estar caminhando próxima dos trajetos abertos pelo Dalton Paula, um mestre e amigo que sempre me incentivou a construir sonhos.



Figura 66 – Dalton Paula. *Rota do Algodão*, 2022. Instalação. Fonte: SP–Arte. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/as-melhores-expos-de-2022/>.

3.1 - CANTOS DE FADAS

Toda a prática desta pesquisa é, nada mais, do que o amadurecimento de um dos múltiplos feitos artísticos da minha criança. Enche meu coração de alegria conhecer, dividir e confluir tanto com minha menina. Fechar os olhos durante o processo era como acordar de um sonho e retornar ao tempo das minhas memórias de infância. Onde meu peito se deleita em paz, com leveza, e então adormece ao doce som de distantes risadas aveludadas.

Em conversas íntimas com essa criança, em determinado momento, apelidamos essa série como *Cantos de Fadas*. Num primeiro tempo, o nome partia de uma significância que se referenciava às cantorias desses seres. Com suas melodias vindas de lugares ocultos aos olhos, encantando os ouvidos daqueles que reconhecem sua presença. À medida que as

casinhas de fadas foram ganhando forma, o título incluiu um significado espacial. Isto posto a definição de Bachelard (2006, p. 146), de que “o canto é uma espécie de meia-caixa, metade paredes metade porta”. Todo nome carrega consigo uma magia, e ao considerar que “todos os cantos são frequentados, se não habitados” (Bachelard, 2006, p. 149), esses cantos se tornam portais para pequenos reinos, guardando mundos encantados a serem conhecidos.

Os objetos mágicos produzidos para a série *Cantos de Fadas* partem de um encontro com memórias de mandingas infantis, no qual sou tocada pelas lembranças de feitura de casinhas de fadas. Esses pequenos lares celestiais com uma curiosa arquitetura que possui tímidas semelhanças com oratórios, santuários e altares religiosos. Constantemente, o contato com a espiritualidade permeia meus fazeres artísticos da meninice, que são reincorporados na construção dessa série, e são nutridos com saberes difundidos da relação com o universo das decorações de festas. *Cantos de Fadas* evidencia as tentativas e os desejos de uma criança em tecer uma intimidade com seres espirituais, ao mesmo tempo em que celebra seus domínios e conhecimentos.

Partindo do conceito de *escrevivências*, da autora Conceição Evaristo, o processo de criação consiste em adentrar o portal das memórias. Guiada pelos sussurros, mergulho nos rios têxteis das ruas de Campinas, caminho pelos vales da transmutação até, finalmente, chegar à mesa de celebração. Durante toda a feitura, a religiosidade costura-se às decorações festivas. Um encontro que rememora os dizeres de Lélia Gonzalez (2024, p. 37), sobre o *duplo ajustamento* das festas afro-brasileiras: “as festas do calendário oficial religioso católico ganham, assim, novos significados na medida em que passam a operar como espaços de recriação”. Ao meu ver, não há definição mais adequada para o universo das decorações de festas do que “espaço de recriação” – celebrar é tradição em constante renovação.

Por meio desse processo de resistência/acomodação, os escravos foram atuando nos espaços permitidos e recriando clandestinamente seus cultos e ritos, seus valores culturais, sob a forma inocente de “brincadeiras de negros”, de folguedos, de batuques. (Gonzalez, 2024, p. 100).

Embora, como argumenta Gonzalez (2024, p. 119), “a maioria absoluta das festas brasileiras está, indubitavelmente, vinculada à igreja católica”, é fundamental lembrar que essa dinâmica de *duplo ajustamento* não deve ser romantizada. “Afim, mais que uma simples ‘transposição’ de valores religiosos, o que houve foi uma existência em paralelo”

(Gonzalez, 2024, p. 37, grifo da autora), uma resistência ao direito de celebrar suas crenças, marcada pelas violências coloniais.

Outros elos que conectam os dois mundos na criação dos oratórios de fadas são a vela e o coletivo. A vela, tida como “a alma dos aniversários” (Chevalier, 2001), é vista como uma entidade – a eterna guardiã dos nossos pedidos mais íntimos. Já a presença do coletivo se manifesta na comunidade de pessoas que se unem para colaborar nas montagens das celebrações e rituais, partilhando suas dádivas e saberes. Segundo Gonzalez (2024), as mulheres negras desempenhavam um papel fundamental não apenas no espaço sagrado, mas num tecido social, como mantenedoras e transmissoras dos valores da (e para a) comunidade. Nos solares de hoje, me enche o peito de alegria crescer e poder compartilhar os saberes zelados pela minha menina.

Durante a escrita deste trabalho de conclusão de curso, foi possível registrar a produção de dois oratórios de fadas que compõem a série *Cantos de Fadas*. No entanto, a proposta é de que *Cantos de Fadas* contemple um total de dez oratórios de fadas, convidando outros reinos da natureza a posteriori. Sendo eles: A luz etérea (luminosidade); os ventos dançantes (vento); as faíscas cintilantes (fogo); o abraço da noite (escuridão); a poeira estelar (poeira), as nuvens adormecidas (nuvem) e o começo dos fins (decomposição).

Nas primaveras distantes, quando minha mãe percebeu que, ainda criança, eu já escolhia trilhar o caminho das artes, não recebi muito apoio. Contudo, nunca me esqueci de suas palavras, carregadas de tristeza, que revelavam um desejo – quase esquecido – de ser artista. Nos luares de hoje, estar fazendo isso e poder chamar de arte é muito bonito, visto que apenas estou transmutando os saberes divididos pela minha mãe. Assim, espero que um dia ela possa aceitar, em seu coração, que também é uma artista.

Até aqui, olho pra trás e enxergo com carinho todo o percurso. Nos luares de hoje, vejo tudo até aqui como uma festa, onde a memória pessoal se torna coletiva. Crescer entre o mundo espiritual e das festas germinou em mim o entendimento da importância de festejar a nossa existência, todos os dias. Agora, meus fazeres artísticos são sementes de confetes que plantam celebrações de vida. A vela, como essa entidade conhecedora dos nossos pedidos mais íntimos, que nos acompanha nas celebrações dos nossos nascimentos e de nossas mortes, é a figura portadora das chaves das passagens mágicas que residem nesta pesquisa.

Por fim, pode-se dizer que *Cantos de Fadas* são brincadeiras etéreas que têm seus nascimentos registrados no desejo de reencantar a vida. Para hooks (2020, p. 121), “todo despertar para o amor é um despertar espiritual”. A partir de celebrações de nascimento e rituais de encantamento, minhas práticas artísticas transbordam saberes infantis e são oferecidas, num viés poético e autobiográfico, para contestar crenças depreciativas em relação à sabedoria guardada nos territórios da infância. Que esses objetos sejam capazes de atravessar os corações, enfeitiçando as almas com as cantorias celestiais, acordando seus interiores com encanto. Às vezes, fechar os olhos é apenas uma maneira não convencional de acessar outra perspectiva. Estou desperta e, de fato, “as coisas que não existem são mais bonitas” (Barros, 2006, p. 77). Assim, sigo acompanhada da minha criança, pedindo aos espíritos que continuem abençoando sua caminhada como parteira do invisível. Asé!



Figura 67 – Evelyn Cruvinel. *Mães da Terra Próspera*, 2024. Acrílica, biscuit, cascalho branco, chita, ferro, fitas decorativas, miçangas, plantas artificiais, spray, tinta de tecido, tule com glitter e vela sobre caixa de madeira com suporte de madeira revestida de tecidos. 77 x 50 x 25 cm Fotografia: Paulo Rezende.



Figura 68 – Evelyn Cruvinel. *Sentinelas do Além-mar*, 2024. Acrílica, búzios, bolinhas de gude, cascalho branco, cetim, cola quente, conchas, espelho, fita decorativa, lantejoulas, linha de naile, miçangas, moedas, pérolas, strass, tule com glitter e vela sobre caixa de madeira com suporte de madeira revestido de tecidos. 75 x 50 x 25 cm Fotografia: Paulo Rezende.

4 - CELEBRAR O (RE)ENCANTAMENTO

Partindo de visitas repentinas de lembranças infantis, retomo aos meus fazeres artísticos da meninice. A partir do território da infância, adentro os portais que guardam os outros mundos que regem minha experiência de vida, como o universo espiritual e a decoração de festas. O processo criativo transborda constantemente os ensinamentos, os instrumentos, os segredos e a magia transmitidos nestes espaços.

Caminhando ao lado de um viés “autobiográfico íntimo e de corpos dissidentes” (Rodrigues, Nascimento, Silva, 2019), as práticas são estruturadas através das escrituras (Evaristo, 2007) das memórias e do zelo com saberes da infância. As obras criadas são reflexos da alma da minha menina, cheias de saberes e encanto. A partir de celebrações de nascimento e rituais de encantamento, ofereço minhas práticas como brincadeiras etéreas, evidenciando a naturalização da magia e do sagrado na visão infantil, ao mesmo tempo em que contesta a crença crescente que desacredita na sabedoria das crianças.

Os oratórios de fadas são nomeados como objetos mágicos, pensando nos seus feitiços não apenas como artísticos, mas também ritualísticos. Todo o preparo prático foi acompanhado pelos espíritos que me guardam, me abençoam ou que apenas gostam de trocar prosa há muitos anos. Há magia aqui, seja aberto para sentir. Afinal, essas obras artísticas nascem para reencantar a vida. *Mães da Terra Próspera* (2024) e *Sentinelas do Além-mar* (2024) compõem os dois lugares em uma proposta de dez oratórios de fadas para a série *Cantos de Fadas*. Produção que se mantém contínua, mesmo com o final da escrita deste trabalho de conclusão de curso.

Dos caminhos abertos, percebo-me sacerdotisa de festas, montadora de rituais, andarilha dos caminhos iluminados pela eterna guardiã dos íntimos pedidos (também conhecida como “vela”). Para os espíritos, caçadora de alegrias. Sou tantas coisas e, ao mesmo tempo, apenas uma – como minha mãe costumava chamar – arteira.



REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **O Livro das Ignorâncias**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BELLEGARDE-SMITH, Patrick; MICHEL, Claudine. **Vodou haitiano**: espírito, mito e realidade. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- BRITO, Luciana. Igshaan Adams. **35ª Bienal de São Paulo**: Coreografias do Impossível, 2023. Disponível em: <<https://35.bienal.org.br/participante/igshaan-adams/>>. Acesso em: 8 set. 2024.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário dos símbolos**: (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário**: A poética do delírio. São Paulo: UNESP, 2009.
- DIAS, Luciana de Oliveira. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 5, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/racs/article/view/63860>>. Acesso em: 29 out. 2024.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. **Festas Populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2024.
- MATTAR, Denise; COSAC, Charles. **Farnese de Andrade**: Memórias Imaginadas. São Paulo: Galeria Almeida e Dale, 2019. Catálogo de exposição, 23 mar. 2019 - 25 mai. 2019, Galeria Almeida e Dale.
- MATTAR, Denise; DARZÉ, Thais. **Mestre Didi**: Mo Ki Gbogbo in [Eu Saúdo A Todos]. São Paulo: Galeria Almeida e Dale, 2018. Catálogo de exposição, 07 abr. 2018 - 26 mai. 2018, Galeria Almeida e Dale.
- NASCIMENTO, Ana Paula. Esquecimento e lembrança nos objetos de Farnese de Andrade: a grande alegria ou a grande tristeza? In: XXVI COLÓQUIO DO CHBA, 2007, São Paulo. **XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2007, p. 276-287. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/371904778_Esquecimento_e_lembranca_nos

[objetos_de_Farnese_de_Andrade_a_grande_alegria_ou_a_grande_tristeza](#)>. Acesso em: 16 out. 2024.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

PÉREZ, Laura E.; FERNÁNDEZ, María Esther. **Amalia Mesa-Bains: Archaeology of Memory**. Califórnia: University of California Press, 2023.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Pesquisa autobiográfica em arte: apontamentos iniciais. **Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens**, v. 6, n. 1, p. 104-138, 2021.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; NASCIMENTO, Ana Reis; SILVA, Claudia Maria França da. Autobiografia e as práticas artísticas contemporâneas. In: DONATI, Luisa Angelica Paraguai; SOGABE, Milton Terumitsu (org.). **Práticas e confrontações: simposiastas**. São Paulo: ANPAP, UNESP, Instituto de Artes, 2019. p. 61-73. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/wpcontent/uploads/2019/10/Ebook_SIMPO%CC%81SIOS_Pra%CC%81ticas-eConfrontac%CC%A7o%CC%83es.pdf>. Acesso em: 22 set. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Fabiana Francisca. **Arte de Terreiro Matriarcal: Trabalho de mulheres da Casa de Caridade Luz do Alvorecer**. 2023. 231 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. Rio de Janeiro: Odysseus, 2003.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BRADBURY, Ray. **A Bruxa de Abril e Outros Contos**. São Paulo: SM, 2004.

FILAN, Kenaz. **The New Orleans Voodoo Handbook**. Rochester, Vt.: Destiny Books, 2011.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Cosme e Damião: O culto aos Santos Gêmeos no Brasil e na África**. Salvador: Corrupio, 2005.

OSTRANDER, Tobias. **Ebony G. Patterson: ...while the dew is still on the roses...** Miami: Prestel, 2018.

PAULA, Dalton; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Dalton Paula: O sequestrador de almas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

PAULINO, Rosana. **Imagens de Sombras**. 2011. 99 p. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.

- PEDROSA, Adriano; BRITTO, G. H.; SCHWARCZ, L. M. **Dalton Paula: Retratos brasileiros**. São Paulo: MASP, 2022.
- PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANKOWIROCO, Òkun Dy. **O não-lugar pode ser uma encruzilhada: pintura ritualística como acolhimento de si**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.